

Revista do

6



CONGRESSO INTERNACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS



**FORMAÇÃO: GARANTIA PARA O
MUNDO RURAL DO FUTURO**



**Guarapari - Espírito Santo - Brasil
6, 7 e 8 de Agosto de 1996**

Revista de

6 CONGRESSO INTERNACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS

Organização:



MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO
PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO
Rua Costa Pereira, 129 - 29230.000
Anchieta - ES - Brasil

Realização:



ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS
MOVIMENTOS FAMILIARES DE
FORMAÇÃO RURAL
36, Allé Vivaldi - 75012 - Paris - France

Presidente:
Juan Cano Ruano
Avda. Conde Vallellano, 7 - 8° - 14004 Córdoba Espanha

Vice-presidentes

América Latina:
João Baptista Martins
Mepes - Rua Costa Pereira, 129 - 29230.000 Anchieta
ES Brasil

Europa:
Aimé Caekelbergh
Rue Leopold I, 308 - 1090 Bruxelles - Belgique

África:
Samba Diaw
ANFR, BP 131 - Thies - Senegal

Secretário Geral:
Gilbert Forgeard
Les Alouettes, 69210 Bully - France

Editor:
João Carmo
(Telefax - 027-520-1659)

Colaboradores:
Pe. Firmino Martins, Irmã Carmélia Cota,
Sérgio Zamberlan e Mário Zuliani

Índice

COMO É BOM COLHER OS FRUTOS	3
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA Uma pedagogia para o mundo rural	5
ESCOLA FAMÍLIA AGRICOLA: estrutura e funcionamento	8
Uma feliz "descoberta"	9
Quatro modelos de alternância no Brasil	10
Movimento das Escolas Famílias nasceu há 30 anos no Brasil.	11
Olivânia, a primeira Escola Família Agrícola da América Latina	14
RELAÇÃO DE ENTIDADES PARTICIPANTES	16
CRÔNICA	18
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DOS MOVIMENTOS FAMILIARES DE FORMAÇÃO RURAL	24
NOVA DIRETORIA	29
COMISSÃO ORGANIZADORA	30
Painéis de Debates	31
Documento Final	32
Carta de Guarapari	34
Congresso reúne os cinco Continentes - Participantes	35
O congresso visto pela Imprensa	36

COMO É BOM COLHER OS FRUTOS

João Martins(*)

O homem do meio rural sempre foi aquele que lutou muito, muitas vezes de forma desumana, sem colher resultado ou pior ainda, vendo o fruto de seu trabalho escoar de suas mãos, chegar a outras e ali oferecer opulentos resultados, dos quais jamais ele, sua família e sua comunidade, nunca recebem sequer notícia.

Séculos a fio, esta foi a situação da vida no campo até que apareceu uma semente boa que brotou, germinou e hoje se contempla como uma árvore boa que, apesar de tão poucos anos, em comparação com os séculos que sedimentaram no agricultor a consciência de sua impotência, já vem produzindo uma "safra" promissora.

Falamos da pedagogia da alternância, criada por intuição de um generoso vigário francês de uma região rural - o Abêe Gramereau. Em sua luta pela educação do jovem rural, usou sua residência na cidade, levando jovens do campo em períodos regulares alternados para aí receberem instrução, formação humana e preparo para sua vida no campo. Pouco a pouco foi se sistematizando aquela intuição inicial e se transformou na hoje chamada "Pedagogia da Alternância", desenvolvida pelas nascentes Escolas Famílias Agrícolas, Centros de Formação Rural, Centros Educativos em Alternância ou Escolas Comunitárias Rurais, conforme cada país o denomina.

Presentes nos cinco continentes, unindo pessoas neste ideal de promoção do homem rural, mas também, sem excluir ninguém que se aproxima - "o

homem todo e todos os homens", fiéis ao modelo que se inspira na conjugação do crescimento de três elementos - o HOMEM a COMUNIDADE e o AMBIENTE - atuam Centros de Formação e de desenvolvimento das Escolas Famílias Agrícolas, cujo sucesso se pode comprovar neste Congresso - o 6º Congresso da Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural, sediado no Brasil, em Guarapari (ES).

Congregando representantes dos 5 continentes - Europa, Ásia, África, Oceania e América Latina, mais de 400 delegados de uma centena de instituições mantenedoras de Escolas Famílias Agrícolas, o Congresso vem a ser um grande plenário de conclusões sobre os estudos feitos em cada unidade, em cada célula, em cada comunidade rural comprometida com este sistema educacional. Reúne o Congresso pessoas qualificadas: todos os membros do Bureau Internacional da AIMFR, fundadores, e mantenedores de movimentos responsáveis por este modelo pedagógico e comprometidos com a formação do homem rural e do seu futuro.

Notória é também a participação local de nossas autoridades federais, estaduais e municipais do norte e do sul do Estado do Espírito Santo, bem como de outros Estados brasileiros, a presença de agricultores de todas as regiões, o comparecimento de tantos amigos e simpatizantes, totalizando umas 1500 pessoas interessadas não somente no êxito do Congresso, mas na expressão de comunhão e intercâmbio que a própria pe-

dagogia ajuda a criar e a realizar.

Verdadeiramente, se pode afirmar, neste Congresso está presente uma parcela representativa do mundo, aquela que deseja concretamente, não apenas fazer algum discurso sobre o desenvolvimento, sobre a paz, sobre o futuro ecológico do mundo, sobre a dignidade da pessoa humana, mas que contribui com ardor, generosidade, competência, criatividade, ainda que modestamente, com tudo o que pode aproximar o dia em que os ideais da paz, da fraternidade universal, do respeito à igualdade fundamental do ser humano e da sua valorização, da produção e da justa distribuição dos recursos econômicos, bem como da compreensão e do trato afetivo-racional da terra se tome realidade.

Neste memorial que apresentamos, desejamos que todos possam se lembrar desta bela, grande e agradável confraternização. Também queremos oferecer aos que não conhecem a pedagogia da EFA uma oportunidade de saber de sua existência e de poder tomar contato com nossas Instituições, presentes no mundo há 60 anos, no Brasil há 30.

Nossa colheita

Quando semeamos sempre o fazemos na esperança de uma boa safra. Entretanto, nós agricultores, sabemos da incerteza que nos leva tantas vezes a ver frustrada a longa espera dos frutos desejados. As variações climáticas, as pragas, as doenças, as ervas daninhas e até mesmo o engano com a qualidade das sementes são fatores que tantas vezes restringem a colheita e não compensam com sazonados fru-

tos os semeadores. A estes fatores ainda pode ser acrescentada a qualidade e o a receptividade do solo e do ambiente, como nos lembra Jesus na parábola do semeador. A produtividade e os percentuais das colheitas são diferenciados em função da terra também que recebe a semente...

Quando o MEPES aceitou de sediar o 6º Congresso Internacional das EFAs, tomando-se o anfitrião do evento, estas considerações foram muito presentes em nosso pensamento, pela responsabilidade que assumíamos, buscando patrocinadores, apoio financeiro e logístico, adesões ao evento que nos parecia exigir ser um compromisso muito grande, dada sobretudo à qualidade da 'semente' que estávamos lançando no solo, semente por sua vez madura e fértil, pois vinda de safra promissora de tantas Entidades vinculadas à promoção do homem, da comunidade e do meio rural. Sabíamos que tais 'sementes' são imunizadas pelos resultados dos longos anos de sua experimentação, sempre com frutos promissores.

O tema escolhido por sua vez foi fascinante: "Formação: garantia para o mundo rural do futuro". O envolvimento com o mesmo foi enorme. Estudado, debatido, pesquisado por alunos, agricultores, pais, comunidades, entidades ligadas a mais de mil Escolas Familiares Agrícolas, irmanadas no mesmo ideal, ainda que geograficamente pertencentes a 30 países, em quatro continentes.

Hoje, já passado o evento, podemos olhar com alegria e exclamar felizes: tudo foi muito bom, a semente fecunda continuará germinando mundo afora, novas e novas espe-

ranças de um mundo novo para todos, num futuro próspero para a humanidade, pois este futuro foi até mesmo antecipado pelo Congresso. É que, além de seu significado e do tema tratado, a confraternização que ocorreu, com pessoas vindas de distantes lugares, com formação humana e cultural tão diversa, com visões de fé religiosa e fé política mais diversa ainda, é um testemunho muito vivo de que os homens, congregados por um ideal, buscando o bem comum, são capazes de se encontrarem, de se enriquecerem mutuamente, de buscarem solução concreta e eficaz para problemas comuns, ainda que apresentados com expressões diversas.

O Congresso reuniu além dos 400 Delegados de regiões tão distantes do mundo, pessoas das áreas de Governo dos diversos níveis e poderes, Técnicos diversos de Ministérios e de Secretarias diversas, Pesquisadores, Professores universitários, Políticos, Religiosos, Jornalistas, Sindicatos, Associações, Cooperativas, etc. Amigos, do país e internacionais... Era notório, neste ambiente marcado por diferenças culturais, intelectuais, profissionais, políticas e até religiosas, sentir o pulsar de um só coração em busca do melhor para a educação no meio rural, convencidos de que o futuro é construção que começa no presente.

Um fruto magnífico deste Congresso é o seu Documento Conclusivo, no qual se pode aquilatar a grandeza do momento, uma vez que ali está consignado o pensamento de todos, burilado, trabalhado, promissor, qual semente nova a encorajar de novo o agricultor a continuar a sua luta pois, ali estão luzes que lhe apontam um futuro novo, no qual

o trabalho hoje empreendido, exibirá seus resultados. Novas gerações, formadas segundo o que ali se consignou, sem dúvida garantirão o nascimento de um homem novo para um mundo novo, mundo que cresce no amor, na fraternidade, na solidariedade, onde a diversidade não mais será fator de desunião, de proveito, de status para uns e de submissão para outros, mas ao contrário, como o demonstrou sempre os plenários, as comissões e todos os encontros do Congresso, um lugar onde não é a língua e a cultura que fazem a aproximação humana, mas é o falar-se na mesma linguagem de mão dadas buscando o mesmo ideal.

Esta experiência tão rica, vivida por todos, sem dúvida, tomará a prática das EFAs muito mais vigorosa referendada por uma tão forte união, união que se expressou na participação de todos no Congresso e que ficou evidente quando ao final da Assembléia de Encerramento, convidados por D. Silvestre Scandian e Pe. Humberto Pietrogrande, juntos rendemos Ação de Graças a Deus, sabendo que somos todos filhos do mesmo Pai. Ao verificar os semblantes de todos, mão unidas, corações vibrantes e voz forte para dizer 'Pai nosso', sentimos mais uma vez que a boa semente caiu em terra também boa.

Colheita à vista! Esperança sempre! O homem do campo tem futuro! Sempre vale a pena acreditar e continuar semeando.

João Baptista Martins

é Vice-presidente da Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural e Coordenador do 6º Congresso Internacional do AIMFR

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA

uma pedagogia para o Mundo Rural

Sérgio Zamberlan(*)

ALTERNÂNCIA como modelo educativo

A história da educação está cheia de experiências educativas, várias delas tiveram vida muito curta outras duraram décadas e outras até "séculos..." Entre essas variadas experiências, existentes hoje no Brasil e no mundo, a que utiliza a "Metodologia da Alternância" está em franca expansão, principalmente no meio rural.

Diante da expansão da educação em alternância no Brasil, é importante pontualizar alguns aspectos significativos e "classificar" tipos de alternância usadas na educação.

"TIPOS DE ALTERNÂNCIA"
Inúmeras escolas e cursos regulares ou não utilizam formas específicas de alternância de ensino, a seguir tentaremos analisar algumas "experiências" procurando individualizar aspectos educativos e reais contradições.

CURSOS TÉCNICOS

A maioria dos cursos técnicos de 2º grau em agropecuária dividem suas atividades escolares, em parte prática (ou trabalho prático) e aulas teóricas; em geral quem orienta a parte prática não ministra aulas teóricas e vice-versa. O trabalho prático é realizado na propriedade da escola e não em casa, isso desvincula o aluno de sua realidade familiar-técnico-cultural, portanto se alternam atividades no mesmo ambiente físico e social, muitas vezes desconectadas entre elas.

No currículo do curso técnico consta um estágio obrigatório, equivalente a uma porcentagem sobre o total de horas/aula do curso, isso em função do jovem completar sua formação técnica.

O estágio que o aluno deve realizar representa um momento curricular muito distante de sua realidade e na maioria das vezes "outro-tanto longe" daquilo que poderá realizar profissionalmente em seu futuro. Ambas atividades educativas (escola e estágios) são tipos de "alternância" muito limitadas onde quase tudo é precedentemente programado e a participação familiar do aluno é nula.

O estágio técnico, "em miúdos" é mais uma transferência de informações que uma autêntica formação, o aluno é mais "espectador que ator". Quem recebe o jovem estagiário, geralmente está preocupado mais nos aspectos produtivo-econômicos que didático-pedagógicos que exige o momento formativo. O estágio é "um intervalo..." o qual ao facilita a integração do aluno no mundo do trabalho. Enfim os cursos profissionalizantes, encaram as estadias, fora da escola não um lugar onde se produz saber autônomo, mas quase um "receptáculo do saber escolar". Atividades educativas concebidas dessa forma podem ser consideradas como "alternâncias defasadas...".

Sem interferências...



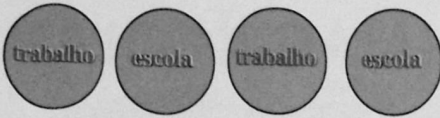
distantes do mundo do trabalho!

CURSOS DE ORIENTAÇÃO PARA O TRABALHO

Os cursos de orientação para o trabalho, os que surgiram no meio rural o aluno vai à escola pela manhã cedo e volta para casa à tardezinha cumprindo uma carga horária diária de 8 horas. As atividades na escola são divididos em dois momentos, um de trabalho na propriedade e outro teórico, geralmente os dois momentos são pouco integrados didaticamente. Essas atividades práticas "complementares", dentro do recinto escolar, confirmam que a escola que leva adiante esse tipo de metodologia, encara o meio rural (de onde vem os alunos) como um lugar que não possui capacidades de produzir saber, pelo menos científico, além disso, essa realidade é vista como algo que deve sofrer mudanças, porque é: "ignorante, sem capacidade de renovação, de desenvolvimento, cheia de vícios..." portanto, a melhor forma de "renová-las, modernizá-las..." é retirar a criança desse meio...

Esse ir para escola e voltar para casa todos os dias (quase só para dormir...) é só alternar meios sócio-físicos diferentes onde não existe ligação, sob aspectos educativos, os dois ambientes: familiar e escolar se contrapõem. Além desses fatos, é importante dizer que, essas escolas como também as outras do meio rural são organizadas nos padrões do meio urbano e não rural. O aluno da "roça" é um trabalhador desde a tenra idade. A família dos meios rurais ainda é um agente educativo importante na

transmissão do saber como na transmissão de valores ético-morais.



vizinhos mais sem relação...

As escolas a tempo integral, do meio rural, retirando o rapaz e a moça de seu meio durante todo dia por um período de tempo amplo e contínuo, causa um "descolamento" cada vez maior entre escola e meio cotidiano do aluno, entre o fazer familiar e um aprofundamento científico. A essas coisas deve-se acrescentar que essas escolas colaboram diretamente e indiretamente (sem tirar o valor intrínseco dos trabalhos educativos-escolares que conseguem ali realizar) em diminuir progressivamente o papel educativo-formativo que o ambiente familiar rural ainda possui. Portanto esse alternar: trabalho prático e estudo teórico na escola e meio-familiar sem que esse último participe ativamente do estudo do filho, pode ser considerado um tipo de "alternância-desconectada" porque os dois meios: escola e casa não colaboram para criar "elos continuativos no saber das pessoas".

CURSOS NOTURNOS

Os cursos noturnos, surgiram como meio de escolarização para aquelas pessoas que "perderam o trem dos estudos" (dentro da faixa etária prevista).

Nos cursos noturnos (de 5ª a 8ª série e de 2º grau), o aluno é antes um trabalhador assalariado e depois estudante. Ele utiliza parte de seu tempo de descanso para estudar, na maioria das vezes em função de obter "um pedaço de papel", o qual lhes serve para ampliar as suas possibilidades no mercado de trabalho. Cursos desse tipo, seu conteúdo e metodologia não tem ligação com o trabalho que o aluno faz menos ainda com o meio onde vive: portanto, alternar o dia todo trabalhando e a noite estudando, é um tipo de "alternância-desequilibrada". Ela é desequilibrada psicologicamente porque as horas melhores para refletir e aprofundar questões: técnico-econômicas, so-

ciais, políticas e bio-físicas, são ocupadas com um trabalho intenso como assalariado, para auto-

sustentação e/ou ajudar sua família. Depois de uma jornada de intenso trabalho,

restam poucas possibilidades e capacidades para interiorizar e assimilar conteúdos de vários tipos.

"UMA ALTERNÂNCIA EDUCATIVO-COMUNITÁRIA"

A atividade agrícola ao conhecer a idade nem época do ano. Desde crianças até os velhos trabalham na "roça" todos os dias, durante o ano todo.

A família do pequeno proprietário e em parte do meeiro, se organiza de maneira diferente da urbana porque as relações familiares abrangem também boa parte do "espaço das relações sociais" e até o tempo livre. O universo feminino é bem separado do masculino, isso se reflete também no trabalho na "roça", dentro de casa e nas relações de poder e autoridade, entre componentes da família. Com isso, as crianças aprendem cedo as tarefas "auxiliares"; é freqüentíssimo observar crianças que levam água, comida, para quem está trabalhando na lavoura e até "pegam na enxada".

Um "pouco mais tarde" (na pré-adolescência) o rapaz ajuda na lavoura: capinando, roçando, juntando e banando, colhendo café, pimentão, cortando cana... e ao "cair do dia", montando um animal ou na "cana" reagrupando o gado ou outros animais num só local. As meninas, cuidam, junto com a mãe ou sozinhas, das pequenas criações, do asseio da casa, do pátio, do quintal e também dos irmãozinhos menores. Tudo isso mostra como, a pessoa começa trabalhar "desde a tenra idade e o trabalho representa um elemento essencial na socialização e formação da personalidade das crianças e jovens, chegando a ter um valor ético na vida das pessoas".

Todos esses aspectos culturais e sociais, mostram como o tempo disponível para as atividades escolares é sensivelmente menor (do que no meio urbano), isso quer dizer que, qualquer atividade educativa formal-escolar deve ter presente, não só os aspectos cul-

turais mas também os sociais para que a possa ser "absorvida pela comunidade onde se situa..."

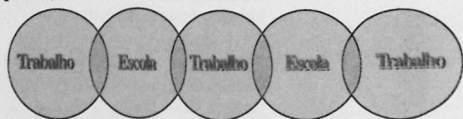
Olhando a natureza que cerca o homem se observa uma série de fatos: o dia e a noite "um para o trabalho e outro para o descanso", o sol e a chuva, dois fenômenos trazem vida para todos os seres vivos. Calor e frio, verão quente e inverno frio..., no quente as plantas crescem rapidamente e no frio "quase descansam..."

Essas e outras coisas, na natureza acontecem de forma alternada. Na natureza cada coisa está no "lugar certo", também se muitas vezes as pessoas não entendem o porque de tudo aquilo que nela acontece. Isso diz que, olhando, trabalhando e pensando, durante o dia a dia e o tempo que dura a vida, as pessoas aprendem muitas coisas, formam a sabedoria o saber do povo.

Então, porque ir a escola se a vida ensina mais que escola...?

A Escola Família entende que, passar um tempo na escola é uma maneira para que a pessoa possa refletir - aprofundar aquilo que acontece no dia a dia, que acontece no meio familiar, regional, nacional e mundial. Aquele tempo que o rapaz e a moça, transcorre na escola família, serve para ver de maneira mais clara ou sistemática (estudo científico) os fenômenos da vida, "perto e longe...".

Na escola família quem ajuda o jovem a refletir são os monitores - professores. Eles, junto com os rapazes e as moças e a colaboração direta e indireta dos pais e outros, tentam organizar os acontecimentos e conhecimentos que ali são colocados em comum. Isso acontece de forma muito variada: trabalhos de grupo, individual, palestras... como forma de entender melhor os porquês da sociedade e fenômenos naturais assim funciona. Por ex.: porque existe uma alta inflação, como planta-se as culturas agrícolas, na casa dos alunos e seus problemas, o impeachment do presidente (a partir das impressões dos alunos... pais...).



processo contínuo de aprendizagem em atividades diferentes... uma atividade interfere na outra...

Olhando bem, a "educação em alternância" é uma forma de obedecer as coisas da natureza e do espírito do homem...".

Na EFA, o jovem, mesmo frequentando-a, continua mão-de-obra ativa no período que passa em casa, inserido em seu ambiente "natureza". Esse ir e voltar (uma semana em casa e outra na escola, ou 15 dias e 15 dias, ou ritmos mais longos regulares), ajuda os pais se engajarem diretamente no trabalho da EFA, assim como acompanhar mais intensamente o desenvolvimento intelectual do filho.

A alternância reduz os custos de viagem dos jovens à EFA, porque ele vai e fica, permanecendo nela durante um tempo, aproveita todo o tempo para refletir sobre sua realidade. A alternância ajuda os pais a se sentirem educadores de seus filhos, também quando estão na EFA, porque nela se discute o que na vida rural e fora dela acontece.

O trabalho envolve tanto a mão como o espírito e os desenvolve, ele estimula o amadurecimento do jovem, faz com que ele se sinta útil, enfim é o trabalho que cria riquezas e bem estar na sociedade, mesmo que ele hoje seja pouco valorizado.

O ritmo das alternâncias, a nível pedagógico, não se mede em dia e noite, mas em momentos no meio familiar-contínuo e prolongado para permitir ao aluno continuar os trabalhos (junto à família ou parentes) e buscar nesse meio às respostas porque o Plano de Estudo (PE) e/ou Folha de Observação (FO) e outras reflexões que envolvem todo o grupo familiar e/ou pessoa da comunidade.

O tempo na escola família não é uma dia mas um tempo mais longo, para: refletir, aprofundar, colocar em comum coisas e fenô-

menos da vida, em função não de um trabalho memorístico, mas onde a assimilação seja realizada de forma lógica e haja assunção de atitudes.

Portanto, o vai e volta, casa - efa - casa, representa urna "aprendizagem contínua na descontinuidade das atividades sócio-pedagógicas, técnicas, econômicas e políticas".

O tempo em casa não é só para repousar, mas para viver intensamente o trabalho na terra e na família, brincando e divertindo, observando, fazendo as suas tarefas, etc... O tempo transcorrido na EFA é um período contínuo, de vivência comunitária (dia e noite, onde o estudo se confunde com as variadas tarefas e trabalhos, todos realizados em função de ajudar a aprendizagem teórico-prática, estimular a integração e a capacidade de convivência entre pessoas de diferentes grupos e meios.

É importante dizer que o estímulo a uma convivência comunitária, pouco se realiza dentro de uma sala de aula, mas muito mais fora dela, por isso, o momento na EFA é transcorrido integralmente: estudando, brincando, fazendo tarefas, comendo, dormindo juntos. Isso tudo num ambiente onde não há empregados, mas colaboradores. Um "certo sentido, na EFA supera-se a divisão do trabalho", fenômeno que impregna todos os segmentos da sociedade atual. É uma tentativa de superar a dicotomia entre a teoria e a prática, entre saber intelectual e um saber popular mais pragmático.

O adolescente - jovem, tem oportunidade de, refletindo sobre a sua situação de vida, através da alternância, "tomar a distância" de seu meio, buscar perspectivas, avaliar melhor seu fazer, estimulando a tomada de posições pessoais e até inovar. O jovem participa diretamente do ensino da EFA, porque con-

sigo levará indagações que percebe no meio ambiente. Graças à organização em alternância, uma na escola e outra em casa ou mais tempo, num meio e noutra, dependendo do calendário agrícola regional, o interesse do jovem é incentivado, se desenvolve e se torna permanente levando-o a uma ação responsável, ele começa a perceber os problemas da comunidade como problemas seus, assume ou tenta fazê-los, se engajando no esforço para encontrar saídas...

Tentando resumir, o que é prioritário na pedagogia da alternância é a dignidade da pessoa como sujeito individual e coletivo. Trata-se de jovens e suas famílias (pequenas ou grandes) e em termo ato da comunidade. Leva-se em conta a totalidade da pessoa como indivíduo e o que ela representa na sua história e em seu meio. Por esse motivo a EFA ajuda e é em parte fator de desenvolvimento humano-social do meio em que está inserida. Enfim, o período na EFA, "vida em Comum", permite a aquisição e consolidação de hábitos sociais e até higiênicos, a busca na superação do individualismo, por trabalho e vivência em grupo, bem como a "garantia de uma Formação Global", pelas reflexões e análises conjuntas da própria realidade e da realidade dos colegas.

(*) *Sérgio Zamberlan*

é professor do Centro de Formação de Monitores do Mepex e membro da Equipe Pedagógica Nacional da Unefab - União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil.

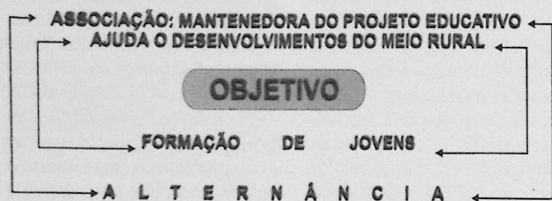
Bibliografia consultada:
Sócio-Pedagogia da Alternância
Gil Bourgeon / Mesonance - Alterolodia n° 2/1979

Escola Família Agrícola: estrutura e funcionamento

Objetivo: A EFA é uma Associação de famílias, profissionais e entidades, que buscam a promoção e o desenvolvimento do Meio Rural, através da Educação-formação, na valorização do espírito de solidariedade!

- Formação Integral da Pessoa
- Qualificação Profissional e Legal.

2 – Prioriza a Experiência Sócio-Profissional



Meios:

- A) Associação
- B) Pedagogia da Alternância
- C) Formação Integral da Pessoa

A – Associação

A Associação da EFA, tem a responsabilidade jurídica, econômica e de gestão da Escola. É autônoma na sua área de atuação e dependente da Associação: Regional e Nacional (UNEFAB).

Composição da Associação da EFA:

- 1-Sócios Ativos: Pais de alunos, ex-alunos e outros que apoiam diretamente, com direito de voto e serem votados;
- 2-Sócios Inativos;
- 3-Sócios Colaboradores e
- 4-Sócios Honorários.

B-Pedagogia da Alternância

1 – Projeto Educativo Definido: A Alternância é uma proposta educativa que busca:

Propõe:

- A vida ensina mais que a escola;
- A EFA valoriza a experiência do dia a dia do trabalho;
- A aprendizagem acontece principalmente a partir do fazer concreto;
- Metodologicamente o estudo é feito a partir do concreto para o teórico.

O Projeto Educativo acontece em três momentos:

- 1º - Em casa: Experiência sócio-profissional-familiar
- 2º - Centro Educativo: colocação em comum da experiência, comparação, análise, interpretação e generalização...
- 3º - No meio sócio-profissional amplo: aplicações, novas interrogações e investigações.

3 – Articulação do Tempo – Espaço em diferentes situações

Períodos:

- No ambiente sócio-profissional

- Na escola

Os dois tempos e espaços, estão integrados através de instrumentos pedagógicos que favorecem:

- Processo de formação individual;
- Conjugam esforços, propiciando interação: EFA – Família e Ambiente Profissional;
- Organização dos temas, de forma progressiva, dentro da alternância;
- Articulação dos conteúdos das matérias com os temas dos planos de estudo;
- Planejamento dos estágios, visitas e viagens de estudo, com as visitas às famílias e empreendimentos profissionais.

3 – Didática Específica: A pedagogia da Alternância, possui um conjunto de instrumentos didático-pedagógicos que:

1 – Aproveita e formaliza o saber da experiência (popular do meio rural);

2 – Articula os tempos e espaços, em alternância com o saber popular;

3 – Ajuda a tornar o jovem protagonista ativo de todo o processo educativo;

4 – Organiza a avaliação, abrangendo todo o trajeto formativo do jovem, aspectos: profissionais, sociais e culturais;

5 – Os principais meios, do

projeto educativo da escola família são:

- Plano de estudo
- Caderno de realidade
- Visitas e viagens de estudo
- Visitas às famílias e em empreendimentos profissionais:
- Projeto profissional do jovem

5 – Concepção específica de Educador-Monitor

O Monitor tem:

- Capacidades técnicas e compromisso sócio-político com a causa dos agricultores;
- Capacidade de liderança e acompanhamento pessoal dos jovens: estimulando, motivando e orientando-os no proces-

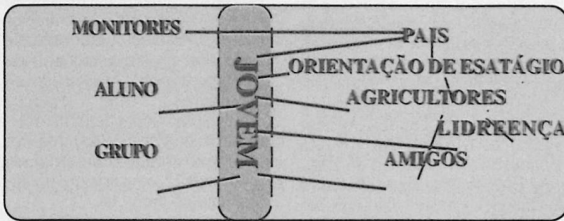
educativos que participam no projeto de formação em alternância

- Preparação específica que proporciona:

- a)Conhecimento da realidade sócio-profissional do jovem;
- b)Capacidades de trabalhar em equipe e
- c)Compromisso com o Projeto EFA.

6 – Conjunto de Colaboradores na educação-formação

O projeto educativo, na Escola Família, é o resultado da ação conjunta de vários atores, com distintos papéis e funções uma “Pedagogia de Complexidade”.



so de aprendizagem;

- Capacidade de comunicação que facilita a inter-relação entre alunos, alunos e monitores e os diferentes agentes

7 – Ambiente favorável para aprendizagem

No meio familiar:

- O jovem mantém o vínculo afetivo com a família e ambi-

ente

- Não perde o contato com os amigos e vizinhos
- Vive inserido no ambiente a nível: sócio-econômico, político e cultural.

No ambiente escolar:

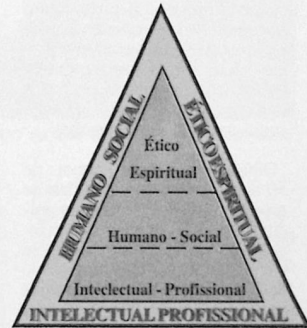
- O clima de familiaridade, vida de grupo, estimula o espírito de cooperação e solidariedade, favorecendo a aprendizagem.

C – Formação Integral

Na escola família, a formação integral do jovem, leva-se em conta, todas as dimensões humanas:

A – Pessoal – afetiva, intelectual, profissional e religiosa,

B – Comunitária – política, econômica e social.



Uma feliz “descoberta”

Em 1935, preocupado com o problema do formação dos jovens rurais de sua região, um grupo de famílias de agricultores franceses, apoiado pelo Padre Granerou, desenvolveu uma experiência educacional inovadora chamada “Maisons Familiales Rurales”.

Este modelo educativo se baseia em três princípios:

- * A alternância, uma inter-relação educativo entre a es-

cola, a família e o meio em que vive (o jovem alterna períodos na escola, na família e em seu meio);

- * A associação, responsabilidade das famílias e do meio para a formação dos seus jovens;

- * A formação integral da pessoa (profissional, humano, social e rural);

As Maisons Familiales Rurales se expandiram rapidamente na

França, em seguida, em outros países do Europa e, a partir dos anos 60, em outros continentes. As Escolas Famílias Agrícolas foram introduzidas no Brasil em 1968, pelo MEPES. Hoje há aproximadamente 1000 centros no mundo que seguem os princípios originais da Pedagogia da Alternância e estão organizados numa associação internacional, AIMFR.

Quatro modelos de alternância no Brasil

O Brasil - o maior país da América - Latina foi o primeiro que começou a longa caminhada com as EFAs no continente. E também nesta "imensa mata-cultural" que encontramos a maior variedade de experiências de educação rural que utilizam integralmente ou parcialmente a pedagogia da alternância.

Início...

A história da Escola da Família Agrícola no Brasil iniciou numa época de escuridão política, período onde quase todas as forças sociais mais lúcidas e comprometidas com os anseios populares foram amordaçadas. Essa história teve início no Espírito Santo por meio de um trabalho comunitário, onde estavam co-envolvidas várias forças sociais. O trabalho de base iniciou por volta dos anos 65-66, através da ação socio-pastoral de um jesuíta.

"Olhando de longe.... depois de 50 anos, parece que a história se repete....". O Pe. Granerau iniciou, em 1937, numa pequena localidade rural, uma experiência sócio-educativa, com um grupo de jovens filhos de agricultores que queriam continuar estudar sem se desligar do cotidiano familiar-rural. Época e realidades muito diferentes, todavia algumas coisas eram comuns, entre aquela região da França e a realidade sudeste do Espírito Santo., dos anos 60.(*) Entre elas podemos notar:

- a) economia primária agrícola,
 - b) uma sociedade, onde a maioria da população vivia no campo,
 - c) um processo de êxodo rural acelerado, com desânimo de quem ficava,
 - d) desvalorização sócio-cultural do homem do campo,
 - e) empobrecimento cultural do meio,
 - f) homem do campo com espírito religioso profundo e trabalhador incansável.
- Foi nesse "caldo", onde brotou a escola família capixaba !

(*) Municípios de Anchieta, A.Chaves, Piúma, Rio Novo do Sul e Iconha.

Daquela época, politicamente obscura até os dias atuais, muitas coisas aconteceram a nível sócio-político-econômico e cultural, não só no Espírito Santo mas também no Brasil, essas coisas atingiram diretamente e indiretamente também as EFAs.

Desenvolvimento

Nesses quase 30 anos de vida, as experiências educativas em alternância se multiplicaram, principalmente a partir da década de 80, isso em parte coincidiu com a abertura político-institucional que ocorreu no Brasil.

No conjunto as EFAs "assumiram, grosso modo quatro feições...", que representam em parte, a forma e os agentes sociais que impulsionaram seu início e desenvolvimento. Esses quatro tipos de experiências em alternância são:

- 1º - As Escolas da Família Agrícola ligadas ao MEPES (Movimento de Educação Promocional do ES);
- 2º - As Escolas Famílias afiliadas a AECOFABA (Associação das Escolas da Comunidade e Famílias Agrícolas da Bahia);
- 3º - As Casas da Família Rural;
- 4º - As Escolas Comunitárias Rurais.

- Grosso modo, as primeiras duas formas educativas, tiveram como agentes sociais que ajudaram o surgimento e desenvolvimento;

- a) sacerdotes católicos, de origem italiana;
- b) líderes rurais;
- c) técnicos italianos (alguns desses permanecem até hoje no movimento);
- d) poderes públicos: local e estadual, com a parte financeira;
- e) pastoral paroquial e diocesana;
- f) ONGs - européias com: pessoas (temporariamente), recursos financeiros, idéias e sugestões.

Hoje em dia, continuam as diferenças que marcaram seu início, entre o MEPES e a AECOFABA, essas diferenças situam-se a nível ideológico e político. O MEPES é responsável jurídico de 12 EFAs de 1º grau e 4 de 2º grau, todas com ensino regular, todavia cada unidade possui

seu conselho administrativo. À AECOFABA estão afiliadas mais de 20 EFAs, todas em regime de supletivo, com exceção de um 2º grau-regular-técnico em agropecuária, cada escola familiar possui sua personalidade jurídica, todavia a nível financeiro dependem da central federada, que também ajuda a formação de novos monitores.

A terceira experiência, as Casas Familiares Rurais iniciaram sua caminhada no início dos anos 80, com ajuda direta, pedagógica, de um francês (da União Francesa de MFR). É uma experiência em franca expansão no sul do país: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nessa região se encontram atualmente mais de 20 centros, no Paraná, já reconhecidas pelo Estado. Cada unidade educativa possui personalidade jurídica própria - Associação, os monitores dos centros paranaenses dependem financeiramente do Estado e municípios. O regime escolar utilizado é supletivo de 1º, com estrita orientação técnico agrícola.

O quarto tipo de experiência em alternância, são as Escolas Comunitárias Rurais, limitam-se ao norte do E. Santo, três são coordenadas pela Prefeitura de Jaguaré, as outras quatro, pela Sec. de Educação do Estado, essas últimas situam-se dentro de assentamentos rurais. A experiência educativa em alternância, no município de Jaguaré, surgiu a partir de lideranças comunitárias rurais, durante uma gestão do PT e da ação sócio - educativa de uma EFA ligada ao MEPES. Hoje todos esses centros educativos em alternância, foram "absorvidos" pelo poder público local e estadual, com a participação, em cada unidade, de um Conselho de administração.

É uma experiência "híbrida...", entre: poder público e a comunidade rural - organizada, onde a parte político - administrativa, enfrenta constantes problemas, isso é devido ao "fisiologismo" que o poder político - institucionalizado desenvolve. A administração pública local indica as linhas metodológicas e o coordenador de cada centro.

Movimento das Escolas Famílias nasceu há 30 anos no Brasil

O mais avançado modelo de educação agrícola do mundo foi introduzido no Brasil em 26 de abril de 1968, com a fundação do Mepes - o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo. A partir do núcleo original de escolas em Anchieta, Iconha e Alfredo Chaves, o modelo se expandiu.

Hoje, os centros educativos por alternância já são quase 200 em 22 estados brasileiros.

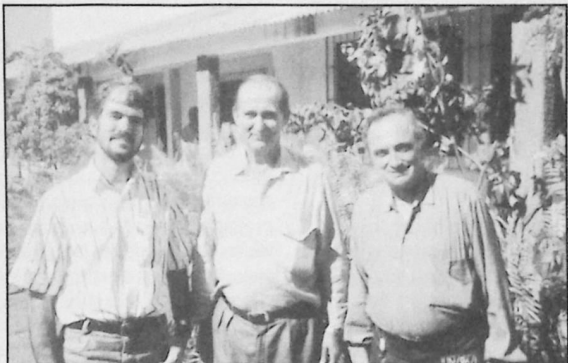
A região compreendida pelos municípios de Anchieta, Iconha, Piúma, Rio Novo do Sul e Alfredo Chaves (sul do Espírito Santo) foi palco de uma ação comunitária inédita no país e que está completando 30 anos.

Foi nesses municípios que nasceu no dia 26 de abril de 1968 o Mepes - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo.

Os municípios formam uma região que vai do litoral à montanha. Excetuando Piúma, a principal característica da população é a forte presença dos imigrantes italianos, que chegaram no final do século passado, atraídos pelas promessas do Imperador Dom Pedro 2º, que espalhou folhetos na Europa anunciando terras gratuitas e muitas vantagens a quem se aventurasse a ocupar as vastidões do território brasileiro. O objetivo do governo brasileiro era principalmente substituir a mão de obra escrava, liberta através da Lei Áurea.

A propaganda do Imperador caiu em cheio na região do Vêneto (norte da Itália). Passando por uma crise sem precedentes na sua história, a Itália foi atraída pelas promessas brasileiras. O governo italiano incentivou e os imigrantes afluíram em massa.

Ao chegarem, os imigrantes tiveram duras surpresas. Boa parte das promessas era falsa, as condições de vida eram precárias, não havia estradas, escolas, hospitais. Mesmo assim, ocuparam uma vasta parte da região montanhosa do Espírito Santo. Abriram estradas, plantaram milho, arroz, feijão, banana e prin-



Pe. Umberto Pietrogrande, presidente; ao lado de João Martins, secretário geral do Mepes.

cipalmente café. A crise mundial do café na década de 50 representou um duro golpe. O governo central ordenou a erradicação dos cafezais do Espírito Santo. Lavouras inteiras eram simplesmente cortadas e queimadas. Sem alternativa econômica, os municípios da região cafeeira entraram em decadência. Os agricultores em desespero, começaram a migrar para as cidades. Havia medo, frustração e desesperança.

Foi nessa situação que, em 1963, um noviço jesuíta italiano encontrou os municípios de Anchieta, Piúma, Iconha, Rio Novo do Sul e Alfredo Chaves. O hoje padre Umberto Pietrogrande estudava em um seminário jesuíta no Rio Grande do Sul, e veio ao Espírito Santo passar férias. Seu primeiro contato com a população de origem italiana aconteceu em um Hospital de Cachoeiro de Itapemirim, um polo de impor-

tância regional no sul do Espírito Santo. Ao chegar da viagem do Rio Grande do Sul, o padre Umberto foi hospedado na Santa Casa local, antes de prosseguir sua viagem até Anchieta.

Depois de tomar banho e de se alimentar, o noviço foi visitar os doentes. Entre os doentes, havia um rapaz, que tinha sofrido um acidente e que estava condenado a perder os movimentos, caso não fosse tratado em um hospital de um centro maior, com mais recursos. Penalizado, o padre Umberto escreveu aos seus amigos na sua cidade natal de Pádua (Itália) e pediu socorro. Em poucos dias chegou o dinheiro necessário para transportar o rapaz para Vitória (capital do Espírito Santo) e fazer a cirurgia necessária. A perna do rapaz foi salva e os movimentos restabelecidos.



O Centro de Formação do Mepes, em Pádua

O jovem noviço viu naquele episódio um sinal dos céus. “Havia um trabalho a ser feito entre os descendentes dos imigrantes italianos e um caminho nos levava até a Itália, na região mesma de onde tinham vindo os imigrantes”, diz o sacerdote.

Primeiras mobilizações

Em 1964, Umberto é ordenado sacerdote e ganha, como presente dos seus amigos e familiares italianos, uma soma nada desprezível de 600 mil liras (que hoje correspondem a cerca de 20 mil reais). Deixa o dinheiro depositado com o Provincial. Nesse mesmo ano, vem de novo ao Espírito Santo, agora já como sacerdote. Faz visitas às comunidades da região montanhosa, e se move com a falta de médicos. “As famílias rezavam para que os filhos não adoecessem, porque não havia como cuidar dos doentes”, diz.

Em janeiro de 1965, o padre Umberto é designado a servir na Escola Apostólica dos Jesuítas, em Anchieta. Um novo episódio e, para ele, um novo sinal dos céus: um menino participa ativamente das encenações teatrais na Escola e, ao ser indagado pelo padre quem era, e onde moravam seus pais, desconversa, evitando revelar sua comunidade de origem. O padre foi verificar os arquivos e constatou: o menino pertencia a uma comunidade rural pobre, e seguramente por isso, tinha vergonha de suas origens.

A constatação de que a Escola não conseguia integrar o garoto à sua comunidade causou um impacto no sacerdote. “Jesuítas, nós estamos educando para quê?”, se perguntava. A

principal constatação do padre Umberto, segundo revela hoje foi: “Com essa concepção, a escola, no lugar de servir, empobrece ainda mais a pessoa”.

Em abril de 1966, com essa inquietação na alma, o sacerdote viaja à Itália, para um período de estudos que os jesuítas chamam de 2º provação. Perto de sua cidade natal, visita a cidade de Castelfranco, onde conhece uma experiência inovadora: a Escola Família Agrícola. Essa era a escola que o padre tanto buscava! E estava ali, a menos de 45 quilômetros de Pádua, sua cidade natal.

A experiência tinha que ser levada ao Espírito Santo. O diretor da Escola Família oferece cinco bolsas a estudantes brasileiros. Cheio de ansiedade, o sacerdote escreve cartas aos vigários de Rio Novo do Sul, Anchieta, Iconha e Alfredo Chaves. E oferece toda a sua pequena fortuna, de cerca de 20 mil reais, para custear as despesas das passagens. Além dos cinco estagiários, o sacerdote conseguiu duas bolsas adicionais, e assim foi formado o grupo pioneiro de sete pessoas que viajou à Itália para conhecer a experiência da Escola Família Agrícola. Eram todos filhos de agricultores, entre 17 e 20 anos, e lideranças em suas comunidades. O pequeno grupo chegou à Itália em setembro de 1966.

Nasce a AES

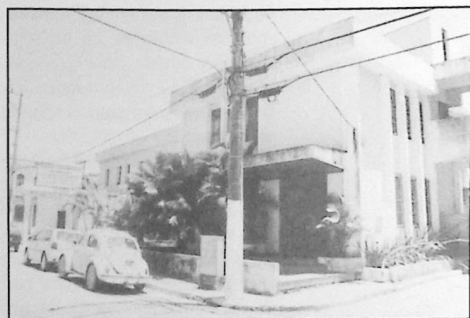
A chegada do grupo de adolescentes brasileiros à Itália exigiu uma ampla mobilização local. De novo, entram em cena os amigos do Pe.

Umberto. Eles providenciaram hospedagem, alimentação, roupas de inverno e livros para os novos estudantes. O pequeno núcleo decidiu formalizar a ajuda em uma entidade, a Associação dos Amigos do Espírito Santo. Como se viu no decorrer da história, essa entidade seria fundamental no processo de formação do Mepes.

Em julho de 67, o padre Umberto volta ao Brasil. Traz consigo os italianos Mario Zuliani, Danilo Agostini e Giuliano Giorio, os dois últimos ligados à Universidade de Pádua: Mario era diretor da EFA de Castelfranco. O objetivo da vinda do grupo de italianos: implantar no Brasil uma entidade de caráter educacional e de promoção social.

Em setembro desse mesmo ano, forma-se o primeiro comitê para a formação do Mepes. O comitê era formado pelo pe. Umberto Pietrogrande;

Wilson Resende (presidente regional da LBA); Eusébio Terra (diretor executivo da Acares); pe. Luiz Macia, representante dos vigários locais; Zeferino Vettoracci, representante dos prefeitos; José Scherrer, representante dos agricultores; Carlos Marchiori, representante dos pais; João Martins, representante do interior e Getúlio Oliveira, secretário. Em dezembro de 67, chega da Itália Umberto Noventa, enviado pela AES para cuidar da gestão administrativa da nova entidade que estava nascendo.



O escritório central do Mepes, em Anchieta (ES)



O Centro Comunitário de Saúde, mantido pelo Mepes em Anchieta(ES)

Em janeiro de 1968 o grupo de alunos volta da Itália depois do estágio de dois anos. Mas falta um no grupo: Osmar Longue, de Rio Novo do Sul, que faleceu em plena Páscoa de 1967, vítima de um fulminante ataque cardíaco. O triste episódio abalou o grupo, mas não foi suficiente para interromper o processo.

Os alunos, junto com o grupo de italianos e o comitê que já estava formado começaram a intensa mobilização das comunidades. O objetivo era um só: fundar as primeiras escolas famílias agrícolas do Brasil. Torneios esportivos, concursos e atividades lúdicas eram promovidas. Até um prosaico concurso de "Rainha do Mepes" foi realizado, tudo com o objetivo de divulgar o movimento nascente.

A sorte estava com Anchieta. A LBA possuía uma grande área de terra em Olivânia, e cedeu-a para o movimento. Em Alfredo Chaves a intensa mobilização também garantiu uma área e o material necessário para a construção. Em fevereiro de 1968, as escolas de Olivânia e Alfredo Chaves estavam prontas e foram inauguradas.

Um dado importante: essas duas escolas foram construídas e inauguradas 'antes' do próprio nascimento oficial da entidade. "É a nossa prática desde o começo, de ter o fato 'antes' do ato jurídico", lembra o pe. Umberto.

Nasce o Mepes

As escolas inauguradas tinham cursos de dois anos, com 15 dias de alternância. Oito monitores

cuidavam dos alunos, quatro em Olivânia e quatro em Alfredo Chaves. As escolas não ofereciam diploma, nem tinham qualquer reconhecimento oficial.

Em 26 de abril, o Mepes é finalmente registrado como entidade organizada, numa solenidade realizada em Iconha. Seu primeiro presidente é o pe. Umberto Pietrogrande.

Até o final de 68, mais duas escolas, em Rio Novo do Sul e Iconha já estavam em funcionamento. A arrancada inicial tinha sido dada com garra e entusiasmo.

Hoje, após 30 anos de caminhada, o pe. Umberto lembra aqueles tempos heróicos. "Estávamos em plena vigência da ditadura militar, e havia muita desconfiança sobre o movimento que estávamos propondo, de valorização do homem e do espírito comunitário", diz. O sacerdote lembra também que, além da questão da educação, a ação do Mepes é mais ampla, e envolve a promoção integral do homem do campo. "A saúde e a ação comunitária são essenciais e tão importantes quanto a educação", conclui o sacerdote.

Além de 12 escolas, o Mepes mantém um Centro Comunitário de Saúde e um Centro de Formação de monitores. Nas escolas, são 1.632 alunos matriculados. Em 30 anos, foram quase 20 mil crianças e adolescentes beneficiadas com os cursos das Escolas Famílias Agrícolas as-

sociadas ao Mepes. A ação educativa direta do Mepes atinge 87 municípios e 413 comunidades agrícolas.

Mas a atuação do Mepes vai muito mais longe. O Centro de Formação já ofereceu cursos a 469 novos monitores que estão atuando em escolas famílias do Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Ceará, Rio de Janeiro, Maranhão, Amazonas, Amapá, Rondônia, Goiás, Piauí, Paraná, Tocantins, Sergipe, Pernambuco e Rio Grande do Norte e até em países como Moçambique, Bélgica, França, Itália e Argentina.

E o núcleo original de quatro escolas famílias em 1968 multiplicou-se. Hoje, em todo o Brasil, são quase 200 centros educativos em alternância. Todos seguindo a mesma filosofia original que deu origem ao Mepes: a valorização e a promoção integral do homem do campo.

Com uma diferença fundamental: 30 anos depois, os valores que nortearam a fundação do Mepes são amplamente reconhecidos, até mesmo pelo Ministério da Educação. As escolas com regime de alternância são formalmente reconhecidas em muitos estados da federação e estão na constituição de alguns países, como a Argentina. E os princípios fundamentais da formação em alternância estão contemplados no texto da nova Lei de Diretrizes da Educação, agora em vigor no Brasil.



A Junta Diretora do Mepes

Olivânia, a primeira Escola Família Agrícola da América Latina



O edifício histórico da EFA de Olivânia, uma das mais bonitas construções da área rural de Anchieta(ES)

A Escola Família Agrícola de Olivânia foi a primeira a ser instalada no Brasil. Situada na região rural do município de Anchieta, a escola foi fundada em 1968. O padre Umberto Pietrogrande, fundador e presidente do Mepes, conta como aconteceu a fundação de Olivânia.

“Foi o “acaso” ou a “Providência”? A Legião Brasileira de Assistência(LBA) foi a primeira entidade pública com a qual, juntamente com a ACARES (Associação de Crédito e Assistência Rural), entrei em contato chegando ao Espírito Santo. Quem mediu o encontro foi a Dra. Mansueta Abreu, grande amiga e admiradora dos ideais que o Mepes(ainda um movimento não legalizado) praticava e difundia. O relacionamento com a LBA e o Mepes foi sempre intenso e positivo e na LBA o Mepes encontrou grandes amigos, como, por exemplo, o Dr. Denizart Santos, que nos anos da ditadura militar foi o “para-raios” para o Mepes e para muitos militantes no Mepes, que não eram aceitos pelo regime militar dominante naquele tempo.

O Dr. Wilson Resende, presidente estadual da LBA em 1968, foi membro da Junta Diretora

provisória do Mepes, e foi ele quem ofereceu Olivânia ao Movimento e é com ele que foi celebrado o primeiro convênio e o contrato de comodato. As motivações foram simples: “Padre, a LBA tem um ‘elefante branco’: a

propriedade e o prédio de Olivânia. O terreno é grande e o prédio também. Serviu como orfanato e prestou bons serviços ao Estado do Espírito Santo. Era de propriedade da família de Dom Helvécio e dom Manoel, e chegou à LBA como troca de um terreno em Vitória, que o Estado permutou para a construção do Colégio Salesiano. Tem portanto, valor histórico. Hoje, a LBA não sabe como aproveitar aquele conjunto. Quem sabe o Mepes com uma EFA poderia aproveitar e valorizar o edifício e a propriedade?” Fomos ver o prédio, gostamos e assinamos o contrato de comodato. Era tão ‘elefante branco’ para a LBA que a entidade cedia o edifício e a propriedade e ainda oferecia uma quantia em dinheiro para que funcionasse a Escola Família! Para nós, que tínhamos que encontrar condições para fazer funcionar a equipe que estava formando-se na Itália, foi a Providência! Assinamos o comodato, recebemos o dinheiro e, desde 1968 está funcionando em Olivânia a Escola Família Agrícola.”

Serviços

Em 30 anos de existência, a EFA de Olivânia tem prestado excelentes serviços aos agricultores da região onde está instalada. Mas a

influência da Escola vai muito mais longe. “Olivânia foi a grande responsável pela experiência de alunos vindos de outros estados, oferecendo estágio e cursos regulares. Muitas lideranças rurais espalhadas por todo o país passaram por Olivânia”, diz João Martins, secretário Geral do Mepes.

A Escola tem atualmente 245 alunos. Em 30 anos, passaram por ela 1.668 alunos do primeiro grau e 2.129 alunos do segundo grau. Em muitos casos, duas e até três gerações já estão se beneficiando dos cursos oferecidos na Escola.

O aproveitamento dos alunos matriculados na EFA é também superior, se comparado com o aproveitamento nas escolas públicas. Enquanto no Espírito Santo só 5% dos alunos do meio rural completam o segundo grau, em Olivânia o índice de aproveitamento chega atualmente a 96%.

As mulheres também conquistam gradualmente seu espaço na EFA de Olivânia. Em 1969, primeiro ano de atividades da EFA, 100% dos alunos matriculados eram do



Durante o 6º Congresso, foi inaugurada uma placa comemorativa com a presença(da esq. para a direita) do Pe. João Confalonieri, ex-secretário Executivo e fundador do Mepes; Edival Petri, membro da Junta diretora do Mepes e ex-prefeito de Anchieta(ES); Pe. Umberto Pietrogrande, presidente e fundador do Mepes; Alcino Nazarino Labão, coordenador da EFA de Olivânia e Luis Henrique Bourguignon, presidente.

sexo masculino. Mas, em 97, esse índice já estava muito mais equilibrado. No ensino fundamental, 41% eram do sexo feminino, e 59% do sexo masculino. A expectativa era que, em 98, os índices estejam praticamente empatados. Isso reflete a confiança dos agricultores numa escola que tem reais compromissos com a comunidade.

“Escola primogênita”

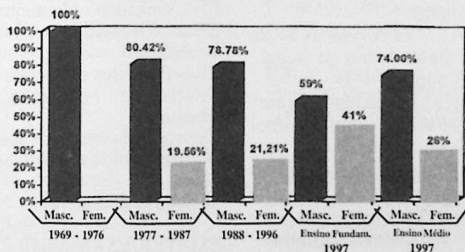
O pioneirismo de Olivânia custou um preço. Em 30 anos foram muitas as dificuldades, mas todos os obstáculos foram vencidos. O Pe. Umberto lembra alguns tropeços. “Lembro que em 1976 ou 78 (a minha memória é fraca), a direção do Mepes pensou em renunciar ao comodato e ... devolver Olivânia.

Razões: o isolamento da Escola e o número pequeno de alunos do 1º grau. Para o 2º grau pensava-se melhor iniciar em Alfredo Chaves aproveitando também da área e das acomodações que pertenciam à EMCAPA. Um segundo grau da Escola Família na periferia de Alfredo Chaves, tinha mais condições de ter êxito do que um segundo grau no isolamento de Olivânia. Mas aconteceram fatos novos: em Olivânia chegaram alunos da Bahia (a transferência do Pe. Aldo de São Mateus para Riacho de Santana na Bahia), alunos de Olivânia foram fazer o estágio social na Bahia, começou um intenso intercâmbio entre Olivânia e Bahia e a Escola

de Olivânia encontrou-se no centro deste intercâmbio e recuperou sua função de Escola “pioneira” dentro do Mepes. Não se falou mais em fechar a escola, se falou em renovar o prédio e as estruturas físicas e Olivânia está, ainda hoje, na sua missão de Escola “primogênita” que indica caminhos não somente para as EFAs do Mepes mas também para as outras EFAs do Brasil. Eu penso que a missão de Olivânia é a de indicar caminhos: foi a primeira EFA do Brasil, a primeira escola de 1º grau a ser reconhecida, a primeira de 2º grau, etc. Também está indicando do como se vencem as dificuldades: abrindo caminhos novos”, conclui o pe. Umberto.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DE 10 ANOS DE IDADE POR ANO DE ESTUDO NO ESPÍRITO SANTO

ANO	LOCAL	TOTAL	Sem instr. / element. incompl.	Elementar	Médio 1º Ciclo	Médio 2º Ciclo	Superior
1970	Urbana	518.353	286.902 55,35%	168.124 32,34%	31.044 5,99%	27.074 5,22%	5.209 1,0%
	Rural	591.048	517.683 87,89%	67.516 11,42%	3.364 0,57%	2.339 0,89%	146 0,02%
ANO	LOCAL	TOTAL	Sem instr. / element. incompl.	Elementar	Médio 1º Ciclo	Médio 2º Ciclo	Superior
1990	Urbana	1.27.113	154.461 12,1%	224.954 18%	457.825 36%	167.30 13,1%	264.950 20,8%
	Rural	662.123	171.085 25,8%	207.019 31,4%	233.635 5,0%	33.266 5,0%	16.238 2,8%
ANO		1969 - 1976%	1977- 1987%	1988 - 1996%			
Ensino Fundamental incompleto		45,45	-	-			
Ensino Fundamental Completo		36,36	4,44	-			
Ensino Médio Profissional		18,18	82,22	96,00			
3º Grau		-	13,13	4,00			
TOTAL		99,99	99,79	100			



Masc. = Masculino

Fem. = Feminino

RELAÇÃO DE ENTIDADES PARTICIPANTES

(em ordem alfabética)

Argentina

APEFA, Buenos Aires
APEFA, Misiones
APEFA, Santa Fé
FACEPT, La Planta, Buenos Aires
Fundação Marzano, Buenos Aires

Bélgica

DISOP, Bruxelas
SIMFR, Bruxelas

Brasil

Acre

Centro de Formação de Seringueiros "Chico Mendes" - Xapuri

Amapá

EFAPEN - Amapari

Amazonas

Escola Agrotécnica Federal de Manaus - Manaus
Serviço Público Federal
Escola Agrotécnica de Manaus - Manaus

Bahia

ACEFASA - Santana
AECOFABA - Riacho de Santana
EFA de Angical
EFA de Boa Vista de Tupim
EFA de Boquira
EFA de Botuporã
EFA de Brejões
EFA de Caculé
EFA de Licínio de Almeida
EFA de Macaúbas
EFA de Paramirim
EFA de Quixabeira
EFA de Riacho
EFA de Rio do Pires
EFA de Rui Barbosa
EFA de Santana
EFA de Tanque Novo
AEFARA de Alagoínhas
APABA-EFA K100 BR 116 -

Brejões

Associação Pequenos Produtores de Jaboticaba - Quixabeira
ATARB - Ruy Barbosa
Centro Comunitário de Serviços - Pintados
Conselho Estadual de Educação da Bahia - Salvador
EAPABA Secr. Educ. do Est. da Bahia - Jaquiezinho (Jequié)
EFA de Jaboticaba - Quixabeira
REFAISA:
EFA Cícero Dantas
EFA Correntina
EFA Sobradinho
EFA da Bahia
EFA de Valente
Fundação Sagrada Família - Botuporã
Paróquia de São Cristóvão - Capim Grosso
UNEFAB - Riacho de Santana

Distrito Federal

INCR - Brasília
Ministério da Educação e do Desporto - Brasília
Ministério de Assistência Social
Secretaria Nacional Assist. Social - Brasília
Secretaria de Educação Médio e Tecnológico - MEC - Div. Coop. In. - Brasília
Secretaria de Educação Médio e Tecnológico - MEC - Téc. Especialista - Brasília

Espírito Santo

AERFARS - EFA São João do Garrafo - Santa Maria de Jetibá
APTA - Vitória
Assembleia Legislativa - Vitória
Associação de Pequenos Produtores Rurais de Mantenópolis
Conselho Estadual de Educação - Vitória
CELFI - Vitória
CIBEV - São Gabriel da Palha

COOPBEL - Alfredo Chaves DAD/SEDU (CPP/EN. RURAL), Conselho de Políticas p/ o Ens. Rural - Praia do Suá
Vitória
Departamento Administrativo/ SEDU - Vitória
Delegacia do MEC no ES - Vitória
Escolas Comunitárias Rurais de São João Bosco:
EFA de Córrego 18
EFA de São Mateus
Escola Comunitária Rural Municipal de Japira

MEPES - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo
EFA Alfredo Chaves - Alfredo Chaves
EFA Campinho - Iconha
EFA de Barra de São Francisco
EFA de Bley - São Gabriel da Palha
EFA de Boa Esperança
EFA de Jaguaré
EFA de Marilândia
EFA de Olivânia - Anchieta
EFA de Rio Bananal
EFA KM 41 - São Mateus
EFA Rio Novo do Sul
EFA São Bento do Chapéu - Domingos Martins
EFA São João do Garrafo - Santa Maria de Jetibá
EFA Vinhático - Montanha
EFA - Chapadinha - Nova Venécia
EFA - Pinheiros - Pinheiros
Centro de Formação de Monitores
Centro Comunitário de Saúde
Departamento de Ação Comunitária
Secretaria Executiva
EMATER/ES - Vitória

Escola Comunitária Rural do Giral - Jaguaré
Escola Agrotécnica Federal de Sta. Tereza
Escola Agrotécnica Federal de Colatina
FETAES - Vitória
Paróquia N. Sra. da Conceição - Alfredo Chaves
Prefeituras Municipais:
Anchieta
Barra de São Francisco
Boa Esperança
Jaguaré
Nova Venécia
São Gabriel da Palha
Guarapari
Rio Novo do Sul
Montanha
Província Franciscana de Santa Clara - Viana
Secretaria de Estado da Educação - Vitória
Secretaria Municipal de Educação - Rio Novo do Sul
Sindicato dos Trabalhadores Rurais - Alfredo Chaves
Sindicato dos Técnicos Agrícolas do Esp. Santo - Cachoeiro de Itapemirim
Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória

Goiás

Assoc. Pais e Alunos EFA Sitio Paciência - Arraial dos Ferreiros Goiás
Comissão Pastoral da Terra - Goiás
Arraial de Ferreiros Diocese de Goiás
EFA de Goiás - Goiânia

Maranhão

ACESA - Lago da Pedra
ACEFA - São Luiz Gonzaga
AEFA - Paulo Ramos
Associação de Pais e Mestres dos Jovens da Roça Vitoriense - Vitorino Freire
EFA de Coroatá
EFA São Luiz Gonzaga - Paróquia N. Sra. do Perpétuo Socorro
Escola Família Agrícola - Lima Campos
Vice Província Franciscana de N. S. de Assunção - Bacabal

Minas Gerais

AEFA - Itinga
AMEFA - Dom Silvério
Arquidiocese de Mariana
CEFA de Camões
EFA de Conselheiro Pena
EFA de Sem Peixe
EFA de Taboca

EFA de Viçosa
EFA Virgem das Graças - Ponto dos Valentines
EMATER - Itinga

Universidade Federal de Minas Gerais - Colégio Agrícola - Montes Claros
Província Sta. Clara - Caiçara BH - Minas Gerais
UNEFAB - Itinga

Mato Grosso do Sul

Secretaria de Estado da Educação - Mato Grosso do Sul
EFA de COAAMF - Mato Grosso do Sul

Pará

EFARC - Afuá
STR - Afuá

Pernambuco

Associação Casa das Famílias Agrícolas - Riacho das Almas
DEMEC - Recife
SUDENE/FADURPE - Recife

Piauí

Fundação Pe. Ant. Dante Civiero - Teresina
EFA Montes Claros - Aroazes
EFA Soinho - Teresina
EFA Socopo - Teresina
Repres. Governo Estado do Piauí

Paraná

ARCAFAR - Paraná
ARCAFAR - Rosário do Ivaí
ASSESOAR - Francisco Beltrão
Casa Familiar Rural - Capanema
Casa Familiar Rural - Francisco Beltrão
Escola Comunitária de Agricultores - Francisco Beltrão
Secretaria de Estado da Educação DESU - Curitiba

Rondônia

AEFAR de Cacoal
AEFAR de Castanheiras
AEFAR de Gi Paraná
AEFAR de Novo Horizonte do Oeste
AEFAR de Ouro Preto do Oeste
Prefeitura Municipal de Novo Horizonte do Oeste

Rio de Janeiro

Instituto Bélgica Fazenda Escola Rei Alberto I - Nova Friburgo

Sergipe

Assoc. Mantenedora da EFA de Ladeirinhas - Japoatã
Diretoria Reg. de Educação - Propriá

EFA Ladeirinhas - Japoatã
Pró-Sertão - Frei Paulo
UNEFAB - Japoatã
Visão Mundial - Japoatã

São Paulo

Conselho Estadual de Educação - São Paulo
Fundação Campo Cidade/EFAI:
Ibiúna
São Roque
Sorocaba

Tocantins

COMSAÚDE - Porto Nacional
Secretaria de Estado de Educação e Desporto - Porto Nacional

Chile

IER de Chile

Congo

CPR de Congo

Espanha

CFR - Valladolid
UNEFA - Madrid
AIMFR

Filipinas

FFS de Filipinas

França

UNMPREO - Paris - França

Itália

AES-CCC - Padova
UIFRI - Friuli
Università Sassari
Università Trento
Università Trieste

Paraguay

CECTEC - Assunção

Polônia

Universidade Czestochowa

Ruanda

CCDF de Ruanda

Senegal

ANMFR de Senegal

Togo

UNMFERT de Togo

Uruguai

AUEFA de Uruguai
CFR - Los Nogales - Uruguai
Universidade de Trab. do Uruguai/UTU

CRÔNICA

O Dia a Dia do Congresso

Dia 05 de Agosto de 1996, segunda-feira:

Alegre acolhida nos aeroportos e rodoviárias de Vitória e de Guarapari das delegações participantes.

- Manhã de festivo encontro-reencontro de pessoas voltadas ao mesmo ideal de vivência da solidariedade internacional com esforço concentrado na promoção integral da pessoa humana, na opção pela formação do homem do meio rural.

- Abertura solene às 15:00h. com a presença de cerca de mil e duzentas pessoas amigas das Entidades do MEPES, anfitrião do evento. As atividades da abertura foram.

• *Execução do Hino Nacional pela Banda da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo.*

• *Composição da mesa diretora dos trabalhos com os seguintes membros:*

Dr. Vítor Buaiç - DD. Governador do Estado do Espírito Santo.
Dr. Paulo Renato Souza - DD. Ministro da Educação.

Dr. Ricardo Ferraço - DD. deputado estadual, representante do Presidente da Assembléia Legislativa do Espírito Santo.

Dr. Renato Casagrande - DD. Vice-governador do Estado do Esp. Santo e Secretário da Agricultura.

Dr. Michel Haddad - DD. Prefeito Municipal de Guarapari - Esp. Santo.

Dr. Paulo Borges - DD. Deputa-

do Estadual do Estado do Esp. Santo.

Dr. Paulo Hartung - DD. Prefeito Municipal de Vitória.

Dr. José Weber Freire Macedo - DD. Reitor da UFES - Universidade Federal do Espírito Santo..

Sr. João Baptista Martins - Presidente da Comissão Organizadora do 6º Congresso Internacional.

Sr. Juan Cano - DD. Presidente da Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural (AIMFR).

Dr. Átila Lyra - Secretário de Educação Média e Profissionalizante do Ministério da Educação.

Pe. Umberto Pietrogrande - Presidente do MEPES.

Sr. Idalgio José Monequi - Presidente da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil - UNEFAB.

• *Registro de presenças:*

Registrou-se a presença de numerosas autoridades da vida político-administrativo-social do País, do Estado, dos Municípios capixabas e da área internacional.

• *Saudações à Assembléia:*

- pelo Sr. Dr. Michel Haddad, Prefeito de Guarapari que saudou os congressistas em nome do Município, congratulando-se com o evento e a feliz sorte de Guarapari em ser servido pela Escola Família Agrícola e neste momento, sediar o Congresso da AIMFR.

- pelo Sr. João Batista Martins,



Chegada das delegações

Presidente da Comissão Organizativa do Congresso que abriu oficialmente o evento, em nome da AIMFR.

-pelo Dr. João Cano, Presidente da AIMFR, que frisou o significado do (Congresso, sendo aplaudido ao lembrar o acerto pela escolha do tema, pois, afirmou: "o que faz hoje a diferença e entre os povos e entre os ricos e os pobres não é a posse dos recursos naturais mas a educação, a formação".

-pelo Dr. Paulo Hartung, Prefeito de Vitória e representante dos Prefeitos das áreas servidas pelas Escolas Famílias Agrícolas. Em sua fala:

• fez especial homenagem ao Pe. Umberto Pietrogrande destacando sua tenacidade em iniciar e levar à frente, de forma pioneira no Estado do Espírito Santo, a modalidade da Escola Família Agrícola, hoje uma válida alternativa ao ensino no Brasil e que, no Estado do Espírito Santo encontra abrigo na Constituição, sendo equiparada, pelo art. 281



Cerimônia de abertura do Congresso

da Lei nº. 4. 523/91, às Escolas da Comunidade;

- frisou que a alegria dos Prefeitos se reveste também do compromisso no combate à miséria e ao analfabetismo tão gritantes e inquietantes. A educação será o fator da igualdade social devendo o saber e a cultura desenvolvida serem as moedas do futuro.

—pelo Dr. Vitor Buaz, Governador do Estado do Espírito Santo:

- após saudar os participantes, destacou a eficiência do MEPES em seus 28 anos (em 96) de caminhada e a grande esperança de encontrar tantos educadores reunidos em torno da promoção do homem e do meio rural;

- fez um balanço das necessidades e dificuldades do Estado para enfrentar os problemas da educação, reconhecendo porém o compromisso do Estado de fortalecer a pedagogia da alternância.

—pelo Dr. Paulo Renato Souza, Ministro da Educação, que apresentou as razões motivadoras de sua presença:

- o Congresso é de Escolas que não são estaduais mas cultivam a educação de forma comunitária, buscando o espírito de escola pública;

- o modelo de Escola é voltado para a vida, promovendo a participação e o envolvimento da comunidade, buscando respeitar as diferenças e tradições locais;

valorizando a família;

- após apresentar a panorâmica da educação no Brasil, com sua complexidade, problemática e tentativas de solução, afirmou o valor da Escola Família, a necessidade de sua implementação como meio formativo eficaz para preparar os jovens para a vida.

—Abertura dos estandes, no hall de entrada do Congresso, encontrando-se nos mesmos:

- farta documentação fotográfica relatando fatos da vida das Associações e Escolas;

- exposição de variados trabalhos artesanais produzidos nas Escolas e comunidades (bordado, crochê, conchas, cerâmica, pintura em tecidos e em quadros, confecções, couro, etc.)

- apresentação de *folders* e quadros alusivos à realidade e vida capixaba.

—As 18:00h. foi servido o coquetel, que oportunizou mais uma vez o encontro alegre dos congressistas, confraternizando-se europeus, africanos, asiáticos, latino-americanos, na alegria de viverem unidos em busca de meios para a transformação do mundo. Neste momento diversos grupos das Escolas Famílias Agrícolas apresentaram números artísticos de danças e canto coral.

Dia 06 de Agosto de 1996, terça-feira – Sessão Plenária

A sessão plenária realizada pela manhã consistiu num painel cujo tema foi: “Formação no mundo

rural face às transformações sócio-político-culturais, técnico-científicas, relacionadas ao meio ambiente; condições econômicas (mercado, produto),

comercialização, globalidade, produção, etc.; formação para o associativismo, diante do mundo competitivo e consumista”.

Antes do início da sessão foram apresentadas as delegações registrando-se a presença de membros de organizações dos seguintes países: **Europa:** França, Itália, Espanha, Bélgica Polônia; **Ásia:** Filipinas; **África:** Ruanda, Togo, Senegal, Congo; **América-Latina:** Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, e 20 Estados brasileiros onde há Escolas Família implantadas.

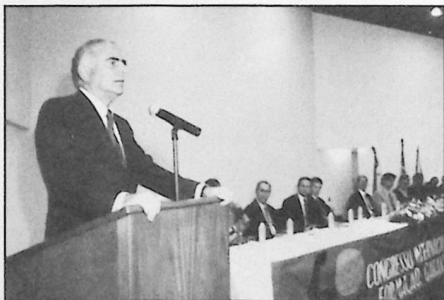
A seguir as Entidades fizeram as apresentações dos impactos e mudanças obtidas pela educação oferecida pelas EFAs nas diversas regiões do mundo onde existem Escolas Famílias. Foram confiadas as apresentações a algumas Entidades que se apresentaram na seguinte ordem:

ENTIDADES DA ARGENTINA

. As Entidades: APEFA, ACEPT e FUNDAÇÃO MARZANO apresentaram em conjunto o trabalho realizado pelas Escolas e o alcance das mesmas a nível sócio econômico-político, o total das famílias atendidas, bem como os maiores desafios.

ENTIDADES DA ÁFRICA

A Associação Nacional das Casas Familiares Rurais do Senegal apresentou a contextualização das ações educativas e

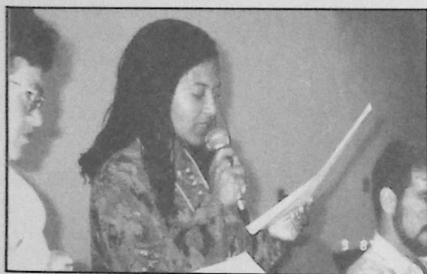


O discurso do ministro da Educação, Paulo Renato, na abertura dos trabalhos

formativas dos Centros de Formação Rural dentro do contexto difícil e complicado da realidade político-social senegaleza. Evidenciou o papel de destaque da formação realizada pelos Centros no desenvolvimento técnico, econômico, cultural e agrícola.

ENTIDADES DO BRASIL

O MEPES - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo selecionou uma experiência a ser apresentada: a atuação da EFA de Jaguaré e os resultados da mesma ação educativa no meio rural da região norte do Estado do Espírito Santo.



Uma monitora apresenta o relatório do grupo temático

ENTIDADES DA ITÁLIA

A Itália apresentou o trabalho associativo realizado na área agrícola, contextualizando a experiência. A experiência selecionada que foi apresentada por ex-alunos do Centro de Promoção Agrícola de Verona.

ENTIDADES DAS FILIPINAS

Foi feita pequena apresentação das Escolas Famílias daquele país que apresentou experiências concretas de melhoramento sócio-técnico-econômico da região de abrangência da Escola Família.

ENTIDADES DA ESPANHA

Apresentaram uma panorâmica geral dos grupos e suas atividades nos Centros Educativos em Alternância. As EFAs e os CFRS vêm o trabalho educativo não como "um gasto mas sempre como um investimento".

ENTIDADES DA FRANÇA

Como iniciadora da experiência, os representantes da França destacaram na sua apresentação o papel, as funções, as conquistas e os desafios que os Centros de Educação em Alternância enfrentaram e enfrentam, destacou a eficiência do MEPES em seus 28 anos (em 96) de caminhada e a grande esperança de encontrar tantos educadores reunidos em torno da promoção do homem e do meio rural;

TRABALHOS EM GRUPOS

À tarde formaram-se 12 sub-grupos que discutiram quatro assuntos temáticos, como segue:

* Grupo temático: Sócio-Político-Cultural

Pergunta orientativa: "Diante da caminhada percorrida e dos desafios encontrados,

quais as orientações que a formação para o futuro do meio rural deverá considerar?"

-a nível: sócio-político-cultural:
•Reconhecimento público-legal dos Centros Familiares de Educação em Alternância (CFEA)
•Especificidade dos CFEA:

.Alternância
.Associação: responsabilidade das famílias
Formação integral da pessoa.
-Reforma Agrária-rural adequada
-Formação adequada dos Monitores-Formadores, que facilitem seu papel de animadores.

* Grupo temático: Técnico Agro-Ecológico

Pergunta orientativa: "Diante da caminhada percorrida a dos



Grupo de trabalho com a temática sócio-político-cultural

desafios encontrados, quais as orientações que a formação para o futuro do meio rural deverá considerar?"

-a nível: Técnico agro-ecológico:
•Promover a diversificação de profissões no meio rural;
•Fomentar o fortalecimento da agricultura familiar
•Difusão de novas tecnologias, através dos CFEA tendo presente a informática)
•Planos de formação adequados a realidade.

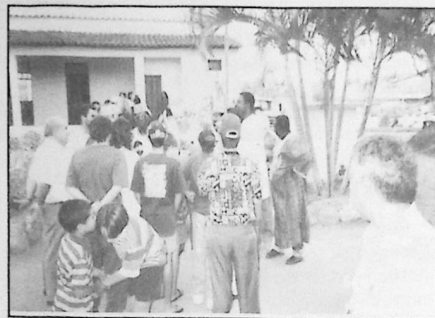
* Grupo temático: Econômico

Pergunta orientativa: "Diante da caminhada percorrida a dos desafios encontrados, quais as orientações que a formação para o futuro do meio rural deverá considerar..." a nível: Econômico:

•Facilitar o acesso das famílias rurais a crédito agrícola
•Facilitar a formação e informação econômico-comercial
• Formar os jovens para que se tomem micro-empresários



Novo Josserrand, ex-presidente da AIMFR, com Pedro Puig, coordenador pedagógico da Associação



Visita de delegados à EFA de Olivânia

•Facilitar a troca de experiência através de estágios profissionais.

* Grupo temático: Associativista

Pergunta orientativa: "Diante da caminhada percorrida a dos desafios encontrados, quais as orientações que a formação para o futuro do meio rural deverá considerar?"

a nível: Associativista:

•Fomentar o associativismo e o trabalho em grupo

•Integrar de modo mais ativo, profissionais como mestres de estágios, nas associações dos CFEA

•Abrir a associação a todas as instituições que promovem o desenvolvimento rural

•Reforçar o papel das famílias da gestão dos CFEA

•Facilitar o intercâmbio de pessoas de experiências, entre os CFEA do MUNDO (membros do CA, dirigentes, monitores, ex-alunos,).

Após a síntese por assunto as conclusões serão apresentadas no próximo plenário.

Dia 07 de agosto de 1996, quarta-feira:

SESSÃO PLENÁRIA

Foi aberta a sessão pelo Presidente do Congresso que passou a palavra ao secretário José Pin para as comunicações de ordem geral.

A seguir foi convidado o Sr.

Nove Jossierand, um dos pioneiros, mais eficientes e entusiasmados batalhadores da causa da Escola Família Agrícola na França, sua pátria, e no mundo, até o momento presidente da "FUNDAÇÃO DA SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIAS", para apresentar sua palavra ao plenário do Congresso, o que fez, saudando o grupo com imensa alegria, expressando sua satisfação por se encontrar com tantas Entidades internacionais que cuidam das EFAs no mundo e por encontrar-se com tantos amigos conquistados ao longo destes anos.

Com a serenidade de quem se sente com a missão cumprida, discorreu sobre a fundação em prol da sempre maior implementação dos Centros de Educação em Alternância, relembrando de forma entusiasmada seu trabalho ao longo de tantos anos, tendo deixado em 1987 a presidência da AIMFR época em que a EFA completava 50 anos de fundação, para dedicar-se à Fundação da Solidariedade Internacional da qual é o atual Presidente. Convidou a todos os presentes para se associarem à mesma, ainda que contribuindo de maneira simbólica para ingressarem na fundação, tornando-se membro da mesma e passando assim a participar dos benefícios que a solidariedade internacional poderá trazer a todos.

Início do plenário dos trabalhos anteriores orientado pelo Prof.

D i l v o
Peruzzo que apresentou a dinâmica a ser seguida, lembrando as traduções simultâneas que seriam feitas, a possibilidade de debates, apresentação de sugestões e acréscimos

ao documento. A seguir as conclusões apresentadas pelos grupos temáticos foram amplamente discutidas, oferecendo material à equipe de redação para ser integrado e formalizado no documento conclusivo do Congresso.

Visitas às Escolas Famílias Agrícolas da área Sul do Estado e Organizações Comunitárias no âmbito das mesmas.

Foram organizados seis grupos a partir das opções dos Congressistas para visita às seguintes Escolas do MEPES:

- * Escola Família de Olivânia
- * Escola Família Agrícola de Chaves
- * Escola Família de Campinho
- * Escola Família de Rio Novo do Sul

Cada grupo teve uma programação organizada que incluía atividades específicas, como segue:

EFA de OLIVÂNIA:

- recepção pelo Prefeito Edival José Petri e pela Câmara de Vereadores do Município de Anchieta
- visita ao Museu de Anchieta
- visita à EFA de Olivânia
- recepção pelos alunos, pais, monitores e funcionários, com apresentação do histórico da EFA
- inauguração da placa comemorativa da visita dos Congressistas, em homenagem ao Pe. Umberto Pietrogrande,



Momento de descontração e lazer em Alfredo Chaves



Jantar na EFA de Alfredo Chaves

fundador do Mepes

- visita às instalações e setores da Escola e da propriedade rural
- apresentação de números folclóricos
- jantar de confraternização

EFA de RIO NOVO DO SUL

- recepção na Escola pelos alunos, pais, ex-alunos, monitores e autoridades municipais
- apresentação da vida na EFA e oferta do *folder* da mesma
- visita à produção industrial dos pequenos produtores de café tipo sereia
- visita à empresa de atividade industrial de mineração e exportação de mármore e granito
- visita à Cooperativa de Laticínios Selita - inovação técnica de produção e armazenamento de leite
- encontro com autoridades municipais na Prefeitura Municipal
- visita à Igreja Católica local
- jantar de confraternização

EFA de CAMPINHO

- recepção na sede do município pelo Prefeito local, Câmara de Vereadores e Comunidade local
- apresentação folclórica feita pelo grupo de danças da cidade
- visita à Associação de Produtores de Banana
- visita à casa do apicultor Giovanni Fusi, com apresentação das experiências do Grupo Grami, da fábrica de Mariola e realizações da Associação Comunitária
- visita à EFA de Campinho com a apresentação de algumas

atividades:
recepção,
apresentação
folclórica e
visita à
exposição de
produtos
agrícolas e
doces caseiros
- visita à
cidade de
Iconha

- jantar de confraternização

EFA de ALFREDO CHAVES

- visita à Cooperativa de Laticínios de Alfredo Chaves
- visita à creche municipal e à exposição sobre o município com o tema: "Aspectos sociais e econômicos"
- visita à Igreja Matriz
- recepção na Prefeitura Municipal
- visita à EFA com acolhida pelos alunos, pais e ex-alunos
- exposição sobre a EFA
- passeio pelas instalações e setores da propriedade
- apresentação folclórica de uma "Folia de Reis"
- jantar de confraternização com animação do grupo musical "Os Casalis" e apresentação das perspectivas da Escola pelos alunos de 5ª e 6ª séries.

**Dia 08 de Agosto de 1996,
quinta-feira:**

A programação realizada neste dia foi a seguinte:

- Assembléia geral estatutária da AIMFR

Realizou-se neste dia a assembléia geral da Associação Internacional de Movimentos Familiares de Formação Rural, cuja pauta foi a seguinte:

* abertura da sessão pelo Presidente da Associação, Sr. João Cano que deu as boas vindas a todos os participantes, destacando a importância do atual momento na vida da Associação, marcado

pela celebração do Congresso, através do qual se tem revelado o sucesso alcançado, a nível mundial, na educação da juventude e desenvolvimento do meio rural, com aplicação da metodologia da alternância na educação da juventude.

* falou também o Sr. Aimé Cackelberg, secretário geral da Associação, congratulando-se com o evento e agradecendo toda a colaboração dos membros na condução dos trabalhos da Associação.

* foi apresentada a pauta dos trabalhos que, após aprovação dos presentes foi seguida, tendo sido tratados e decididos os seguintes assuntos:
•aprovação da ata da 5ª Assembléia da Associação realizada em Sevilha Espanha), em 1992

- aprovação do relatório de atividades da AIMFR no período de 1992-1996
- aprovação do relatório financeiro do mesmo período
- discussão e aprovação da previsão orçamentária para o período de 1996-2000
- reformas do estatuto da entidade (registradas na ata da mesma reunião)
- aprovação da mudança da sede social que passa a ter o seguinte endereço:
**36 Allée Vivaldi
75012 - PARIS - França**
- mudança de nome da associação que passa a ser denominada:



Delegados africanos na sessão de encerramento



Tomando o ônibus para uma visita de estudos

Associação Internacional de Movimentos Familiares de Formação Rural

- eleição da presidência para o período 1996-2000, tendo sido eleitos os seguintes membros:

Presidente:

- Juan Cano Ruano

Representantes por Continente:

África:

- Dominique Mougoua
- Abi Saibou
- Diaw Samba

América Latina:

- Roberto Bradley
- João Baptista Martins
- Antônio Poloni
- Leopoldo Favit

Ásia:

- Fritz Gemperle

Europa:

- France Reveillere
- Bernard Tranchand
- José Pellicer
- Joaquim Torregrosa

Membros Qualificados:

- Aimé Cackelberg
- Gilbert Forgeard
- Joaquim Oliveira
- Luca Dalla Libera

- Atividades opcionais para os tempos livres dos Congressistas que não têm direito a participar da Assembléia.

Dia 09 de Agosto de 1996, sexta-feira:

Sessão plenária do Congresso para a aprovação do Documento Final

Neste dia aconteceram duas sessões:

1 - A Sessão Plenária para a

aprovação do Documento Final.

Esta aconteceu às 09:00h com a leitura do documento nas 4 línguas oficiais do Congresso: francês, italiano, espanhol e português, e a aprovação feita por aclamação uma vez que o documento já fora aprovado em cada grupo de estudo.

2 - Sessão solene de encerramento:

Esta aconteceu às 11 h com a participação de aproximadamente 1500 participantes: autoridades federais, estaduais, municipais, das áreas civis e religiosas, congressistas, membros de todos os departamentos do MEPES, representantes das EFAs de todo o Brasil e amigos do MEPES.

Composição da Mesa Diretora da qual são convidados a participar os seguintes membros:

- Dr. Juan Cano - Pres. da AIMFR e do 6º Congresso Internacional
- Drª. Ethevalda Grassi - Delegada do Ministério da Agricultura, representando o Ministro da Agricultura, Senador Arlindo Porto.
- Dr. Renato Casagrande - Vice-Gov. do Est. do ES. e Sec. da Agric. representando o governador do Estado, Dr. Vitor Buaiç.
- Deputado Carlos Vereza - representando a Assembléia Legislativa do Esp. Santo.
- Sr. Adelson Salvador - Deputado Federal

•Prefeito Edival Petri - Rep. dos Prefeitos na Junta Diretora do MEPES

•Sr. João Baptista Martins - Coord. Geral da Comissão Organizadora do 6º Congresso Internacional

•Pe. Umberto Pietrogrande - Presidente e Fundador do MEPES - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo

•Prof. Idalgizo José Monequi - Presidente da UNEFAB - União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil

•Sr. Fritz Gemperle - Representante do Continente Asiático

•Sr. Samba Diaw - Representante do Continente Africano

•Srª. Mary France - Representante do Continente Europeu

•Dr. Nove Josserand - Fundador e 1º Pres. da Assoc. Internacional

•Sr. Carlos Cristóvão Sossai - representante dos membros do Congresso.

•Revmo. D. Silvestre Scandian - Arcebispo de Vitória.

Foram feitos diversos pronunciamentos, todos eles relevantes, destacando a importância da EFA para a educação da comunidade do meio rural: jovens, adultos, comunidades. Usaram da palavra:

- Sr. Juan Cano - saudação de agradecimento
- Sr. Carlos Cristóvão Sossai - representante dos membros do Congresso
- Dr. Edival Petri, Prefeito de Anchieta
- Dr. Adelson Salvador - Deputado Federal
- Dr. Renato Casagrande - Secretário da Agricultura do Estado do ES
- Sr. João Baptista Martins, Presidente da Comissão Organizadora do Congresso
- DP. Ethevalda Grassi - Delegada da Agricultura, fala em nome do Ministro
- Revmo. D. Silvestre Scandian, arcebispo de Vitória, juntamente com o fundador do MEPES, Pe. Umberto Pietrogrande, convidam a todos para juntos fazerem uma oração de Ação de Graças, encerrando o VI Congresso Internacional da AIMFR.

VI CONGRESSO INTERNACIONAL DOS MOVIMENTOS FAMILIARES DE FORMAÇÃO RURAL

FORMAÇÃO: GARANTIA PARA O MUNDO RURAL DO FUTURO

I. BREVE HISTÓRICO

A Association Internationale des Maisons Familiales Rurales - AIMFR - realizou em Guarapari de 05 a 09 de agosto de 1996, no Centro de Convenções do SESC, o VI Congresso Internacional das Escolas Famílias Agrícolas. O primeiro a se realizar em solo latino-americano.

O MEPES - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo - foi escolhido para ser o promotor do evento. O Secretário Geral, João Batista Martins, em 19 de outubro de 1995, constituiu a comissão organizadora para a preparação do Congresso, divulgando o tema, os objetivos e as orientações para os trabalhos preparatórios.

1 - COMISSÃO ORGANIZADORA

2 - TEMA

Formação: garantia para o mundo rural do futuro.

3 - OBJETIVOS

- Buscar adequação da formação integral do homem e da família rural, em vista dos desafios de um mundo em contínua transformação;

- Promover o fortalecimento da organização das Escolas Famílias, enquanto Instituições;

- Ampliar a divulgação das proposições das Escolas Famílias e Centros Educativos em Alternância, junto às Instituições governamentais e civis;

- Propiciar condições para o conhecimento de experiências Latino-Americanas de Escolas Famílias Agrícolas e de Centros Educativos em Alternância;

- Favorecer o Intercâmbio de experiências e a vivência da solidariedade entre os vários países.

4- ATIVIDADES PREPARATÓRIAS

A preparação do Congresso foi feita a longo prazo, com empenho e profundidade, seguindo a mesma dinâmica que anima a pedagogia das Escolas-Famílias Agrícolas e dos Centros de Educação em Alternância.

O Plano de Estudo orientativo das pesquisas e reflexões preliminares, cuja síntese se transformou no Documento-Base dos estudos da Assembléia Geral do Congresso, foi elaborado em conjunto pelos professores e alunos do Curso de Especialização da Pedagogia em Alternância. As questões apresentadas no plano e que foram amplamente estudadas foram as seguintes:

- Indicar as maiores transformações ocorridas no seio da família nos aspectos:

- . sócio-cultural,
- . técnico-científico-ambiental,
- . econômico,
- . organizativo-associativo

- Indicar a contribuição dos Centros Educativos em Alternância no debate dessas mudanças.

- . como
- . onde
- . quando
- . porque

- Indicar a interferência dessas mudanças:

- . na vida da família
- . no meio em que vivem

- Apresentar a colaboração dos Centros Educativos em Alternância na formação da juventude e das famílias rurais. Motivações de sua atuação.

- Indicar as transformações mais importantes que ocorreram no passado, o ritmo e o impacto das mesmas na vida familiar a nível: . sócio-cultural

- . técnico-científico-ambiental
- . econômico
- . organizativo-associativo

- Frente à realidade atual que caminho deverá seguir ou poderá seguir a formação-educação do jovem e sua família. Justificativas e motivações.

Cada CEA recebeu o P.E., através de seu regional, ou entidade mantenedora e da própria AIMFR, traduzido em sua língua de origem e adaptado conforme sua realidade.

II - Documento-Base

Após a coleta de todos os estudos enviados pelas entidades participantes do Congresso foi elaborado o documento-base cuja síntese que segue foi fundamento para os estudos e as conclusões do Congresso.

1ª - Maiores mudanças e seus impactos sobre a família e a comunidade rural

1. ASPECTO SÓCIO-POLÍTICO-CULTURAL

Neste aspecto foram constatados os seguintes desafios geradores de transformações:

- O êxodo rural que desfigura e traz modificações para o meio rural, gerando também melhorias e novos desafios, como:
 - . despovoamento do meio,
 - . grande fluxo migratório,
 - . melhorias das estradas e transportes mais rápidos,
 - . ampliação da rede de energia elétrica pública,
 - . introdução de eletros-domésticos e outras formas de conforto,
 - . aumento do consumo de bebidas alcoólicas, com efeitos danosos à pessoa e à família rural.

- A difusão dos meios de comunicação de massa - rádio e televisão - geraram muitas transformações sendo as principais:

- . a veiculação de maior quantidade e de variedade de informações,
- . a conseqüente perda da identidade cultural e dos valores,
- . as mudanças de costumes e a desvalorização de sadias tradições,
- . a ampliação do consumismo, sem uma visão crítica do uso dos bens,
- . a expansão da telefonia rural,
- . o surgimento da imprensa popular, veículo que favorece o crescimento da consciência crítica,
- . a diminuição do poder dos "coronéis" com o lento desaparecimento dos "currais eleitorais".

- Uma das transformações verificadas diz respeito à influência da modernidade que no meio rural tem as seguintes repercussões:
 - . adoção de uma educação mais liberal,
 - . promoção de uma maior e mais qualificada integração entre o homem e a mulher, bem como aumento da participação da mulher em movimentos sociais,
 - . maior respeito e valorização da cultura negra,
 - . ampliação da liberdade de expressão,
 - . resgate da cultura popular,
 - . mudanças na vivência e nas expressões da religiosidade popular,
 - . resgate da cultura popular: festas, danças, músicas, etc.,
 - . diminuição geral do número de filhos por família,
 - . liberalização dos costumes sexuais e amplo uso dos anticoncepcionais,
 - . aparecimento de novas e graves doenças infecto-contagiosas, como a AIDS.

2. ASPECTO EDUCACIONAL

Houve grande transformação do meio rural em relação ao setor educacional, ainda que não se tenha alcançado o ideal desejado. São conquistas dos últimos tempos:

- a significativa diminuição do analfabetismo,
- o aumento e a variedade do

- número de escolas em todos os níveis,
- o cuidado com a formação e ampliação no meio rural:
 - * da consciência crítica,
 - * da necessidade da higiene familiar e cuidados preventivos de saúde dos filhos,
 - * da busca do saneamento básico, vacinação das crianças,
 - * do uso da medicina alternativa e das hortas medicinais, com a introdução de farmácias rurais comunitárias;
- maior conscientização dos pais em relação ao futuro dos filhos, em vista sobretudo do aumento do desemprego e de outros fatores degradantes da vida humana.

3. ASPECTO DA POLÍTICA AGRÍCOLA

Neste aspecto foram grandes as modificações dos últimos tempos na região agrícola. Notam-se especialmente, com a entrada do grande capital e pacotes agrícolas, os seguintes problemas:

- descapitalização do pequeno e médio proprietário, forçando a migração do jovem para o meio urbano, com a conseqüente desagregação da família
- entrada na região rural de muitas agroindústrias
- aumento no campo do número de assalariados e diaristas
- diminuição de líderes capazes e engajados socialmente
- poucas propostas válidas para superar a situação atual de desânimo.

4. ASPECTO TÉCNICO AGRO-ECOLÓGICO

Neste aspecto o meio rural é atingido por várias situações e desafios nascidos da globalização e da degradação ambiental, destacando-se como principais dificuldades:

- o aumento da produção e da produtividade, sem perspectivas de comercialização ou armazenamento dos produtos
- uso intensivo da tecnologia sofisticada, passando de uma agricultura de subsistência para a de mercado

- grande êxodo rural e fluxo migratório
- diversificação da produção
- diminuição e estabilidade de preços dos produtos
- amplo aumento no uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos
- aumento da mecanização com melhoria das estradas, com melhores possibilidades para o escoamento dos produtos agropecuários
- fomentos de novas experiências neste setor e assessoria técnica ao produtor rural.

Também fenômenos como o desmatamento e as queimadas causaram e causam no meio rural os seguintes problemas:

- empobrecimento do solo, com maior prejuízo nas regiões quentes, úmidas e amortreadas, onde sua incidência é maior
- desaparecimento das nascentes com o assoreamento dos rios e córregos
- desaparecimento de espécies da fauna e da flora silvestres
- maior virulência das pragas e doenças com rápida disseminação
- mudança nos regimes das chuvas, ventos, umidade
- a ação provocada por uso intensivo de máquinas agrícolas, fertilizantes e agrotóxicos, provocando:
 - * erosão e compactação do solo
 - * contaminação das águas de superfície e subterrâneas
 - * contaminação dos alimentos
- a degradação ambiental por sua vez vem estimulando o uso de técnicas alternativas como:
 - * seleção de variedades resistentes
 - * uso de adubos orgânicos para recuperar a fertilidade do solo
 - * a reciclagem de materiais orgânicos
 - * a diminuição das derrubadas
 - * o aumento de segurança alimentar das famílias.

5. AVANÇOS TECNOLÓGICOS

A introdução na vida rural de algumas conquistas tecnológicas trouxeram muitas melhorias ao

próprio meio e à vida das comunidades, bem como também introduziram alguns desafios, tais como:

- o aumento e a difusão do uso de sementes selecionadas, de novas variedades de culturas, da introdução de novas raças
- a diminuição do esforço físico do agricultor com o uso de novas máquinas agrícolas
- a ampliação e o aperfeiçoamento da formação agropecuária
- dificuldades para conservar e armazenar os produtos agrícolas
- exigências de atualização da mão de obra agrícola, bem como do aperfeiçoamento do agricultor em todos os níveis.

Representam avanços tecnológicos:

- a diversificação das culturas agrícolas com a introdução do cultivo das variedades mais resistentes à seca
- o uso de sementes selecionadas pelo mercado, com aumento na produção.

6. ASPECTO ECONÔMICO

Neste aspecto o meio rural sofre também os impactos mundiais, devendo reestruturar-se para melhorar sua situação econômica. O estudo evidenciou os seguintes desafios:

- o aumento acentuado da concorrência e um achatamento cada vez maior dos salários,
- a ampla diminuição da classe média, com forte incidência na vida familiar e concentração da renda em poucas mãos
- a descapitalização do pequeno proprietário, em detrimento do pequeno produtor
- o endividamento dos agricultores causado pela falta de uma política de crédito agrícola, de subsídios, de possibilidades de saldarem suas dívidas, sendo forçados a disporem de suas propriedades para isto
- o aumento no campo dos assalariados, diaristas e bóias-frias
- a criação de maiores exigências na qualidade dos produtos agropecuários, consequência do

aumento parcial do poder aquisitivo do povo

- administração dos preços atualmente mais estáveis dos produtos agrícolas.

7-ASPECTO ASSOCIATIVISTA-ORGANIZATIVO

As principais dificuldades e conquistas verificadas neste setor geram algumas ambigüidades, dividindo o meio, antes coeso e unitário ideologicamente. Estas são principalmente:

- reação organizada de movimentos populares nas grandes áreas das mono-culturas, manifestando-se contra as reflorestadoras de pinhos, eucaliptos, etc.

- uma forte diminuição dos valores nascidos da solidariedade, motivados por ditaduras e conflitos étnicos e sócio-políticos

- o fortalecimento de algumas estruturas da sociedade com a formação de:

* pequenas associações de produtores rurais para a comercialização e compra de insumos, máquinas e implementos agrícolas diversos

* a formação de grupos de ajuda mútua e de mutirões

* o surgimento das "caixas de solidariedade"

* a formação das grandes cooperativas - pouco participativas - dificultando a formação de pequenas associações.

8 .MUDANÇAS CULTURAIS

No meio rural foram grandes as transformações, que criam, no ambiente diferenças de mentalidade e de ação que levam a conviver com variadas formas de encarar os problemas e de realizar as ações necessárias. Destacam-se:

- a difusão e a manipulação de idéias originadas da ampliação dos transportes e melhorias das comunicações com difusão dos diversos meios de comunicação de massa

- o surgimento da imprensa

"nanica" estimulando a organização de associações de pequenos agricultores

- o surgimento e a ampliação de vários grupos de reflexão em busca de soluções nas várias exigências da vida: religiosa, política, educativa, etc

- a desconfiança do agricultor gerada pelas experiências negativas de cooperativismo

- o surgimento do espírito individualista dificultando a organização e a agregação das pessoas e grupos

- o crescimento da busca de ajuda mútua pela necessidade de superar problemas básicos diante de um poder público ausente

- o avanço da consciência crítica, ajudando na ampliação da participação dos pais e agricultores, através da atuação dos Centros de Educação em Alternância com suas diversas realizações; assembleias mutirões, participação nas diversas atividades da vida rural, tais como:

* mutirões para a construção de pequenas escolas primárias

* construção de estradas vicinais

* construção de dispensários

* formação de farmácias comunitárias

* produção de semente

* ampliação e difusão da tecnologia alternativa, adaptável ou compatível ao ecossistema, através da atuação de agricultores organizados

2ª - Os Centros Educativos em Alternância debatem as mudanças da seguinte forma

Como instrumentos de educação para a transformação do meio rural os Centros de Educação em Alternância debatem os impactos e as intervenções em vista da transformação do meio rural através dos instrumentos metodológicos próprios da mesma pedagogia dos Centros, como:

- participação na elaboração e realização dos Planos de Estudo
- utilização da folha de observações

- contribuição nos serões, com debates dos principais desafios e busca de soluções
- visitas às famílias com os objetivos próprios do Centro
- escolha dos temas geradores e conscientizadores
- formação das associações de Pais e de alunos, reuniões, encontros, assembleias,
- visitas e viagens de estudo em realidades diversas para confronto e aprendizagem
- estágios nas propriedades rurais
- realização dos trabalhos na sessão em casa
- intercâmbio e troca de experiência entre as diversas agências promotoras do desenvolvimento rural.

Todas as outras oportunidades oferecidas pela pedagogia dos Centros foram sempre utilizadas para o debate: momentos de encontro, palestras, Vídeos, seminários, aulas, trabalhos e reuniões de grupos, comissões técnicas, conselhos administrativos, participação em congressos, em exposições diversas, em todas as atividades de interesse humano e técnico.

A atenção a este grande debate é uma constante nos Centros, sendo o mesmo realizado sistematicamente em muitos centros e oportunamente em todos, aproveitando-se para isto:

- as solicitações das comunidades
- o espaço definido para isto nos planejamentos dos Centros
- os acontecimentos nos diversos níveis: local, regional, nacional e internacional.

Os Centros procuram todos os meios possíveis para a discussão, reflexão e busca de alternativas para enfrentarem as mudanças. Aproveitam todas as oportunidades no próprio Centro, nas escolas, nas famílias, nas comunidades, nos Conselhos Administrativos, nas Associações das Escolas, nas Entidades convenentes, nos movimentos e grupos, nos Sindicatos, nas Igrejas e grupos pastorais, nos mutirões, nas Pre-

feições, nos trabalhos de roças comunitárias, das propriedades agrícolas das Escolas, em geral, no campo e na cidades, onde as oportunidades surgem.

Os debates nos Centros têm sempre, além da grande finalidade de discutir as mudanças, outras específicas, ligadas ao mesmo grande tema, como:

- celebração das conquistas e vitórias alcançadas
- avaliação e planejamento das atividades ordinárias
- promoção da integração com outros movimentos em vista da conscientização, motivação e ação solidária
- desenvolvimento da consciência crítica que possibilite a reflexão sobre alguns aspectos importantes como :

- * o exercício do direito de cidadania, a partir da descoberta da situação de exclusão do processo social
- * o desenvolvimento e transformação social da comunidade
- * a busca de soluções alternativas
- * a informação do produtor rural
- * o favorecimento da formação integral do homem do campo.

As formas de colaboração dos Centros Educativos em Alternância para a formação da Juventude e da Família Rural, como meio para enfrentar e assumir as transformações sociais são, principalmente:

- a nível de formação:

- * incluir nos planos de formação, conforme as diversas realidades e necessidades, temas que tratem da conscientização, da formação da consciência crítica e da valorização dos princípios morais e espirituais da vida humana
- * formar lideranças aptas a acompanharem todo o processo, em suas diversas exigências
- * preparar os jovens para enfrentarem o mundo atual em vista da transformação do mesmo
- * desenvolver a participação na educação em todos os níveis e ati-

vidades

* informar e confrontar o saber popular com o científico, aproveitando os elementos das distintas realidades

* ministrar ou orientar cursos de caráter técnico-profissional diversificados

* providenciar a capacitação de vida das equipes de monitores

- a nível de integração e ação social:

* colocação da infra-estrutura do Centro à disposição para a mobilização de outras atividades comunitárias

* colaboração com outros movimentos da região, tornando-se ponto de encontro destes, em vista da busca de soluções, do diálogo e do debate

* promoção de atividades que visem a informação das pessoas e comunidades

* criação de oportunidades para o engajamento, o incentivo, a participação e a viabilização de respostas alternativas

* ajuda ao homem do campo em vista de sua permanência digna no meio rural

* busca de meios para melhorar a convivência de famílias, grupos, comunidades, como forma para reforçar a coesão social

* empenho no resgate dos valores sócio-culturais, políticos, ambientais, científicos, técnicos, econômicos, organizativos, associativos, sobretudo a própria identidade do camponês

* desenvolvimento da consciência ecológica

* estímulo para o desenvolvimento de aptidões e atividades que sejam geradoras de renda, a nível local

* preparação da mão de obra de jovens e mulheres rurais e criação de empregos principalmente para estes grupos e melhoria do acesso a produtos e serviços.

3ª - Caminho a trilhar para a formação dos jovens, das famílias e das comunidades rurais

Após análise da realidade e a partir das mudanças rápidas e

radicais ocorridas no mundo, com fortes implicações na vida humana, incidindo sobre as comunidades agrícolas, como fator desagregador da família e, conseqüentemente de toda a sociedade e trágicas conseqüências para toda a vida na terra, com a produção da marginalização, violência e miséria urbanas, chegamos à conclusão sobre a necessidade de uma educação que leve em consideração os seguintes aspectos:

- sócio-político-cultural
- agrícola e rural
- técnico-econômico
- associativista-organizativo

ASPECTO SÓCIO-POLÍTICO-CULTURAL

Com relação ao atendimento das exigências deste setor, individuou-se no estudo feito em preparação ao Congresso a necessidade de qualificar a educação oferecida pelo modelo adotado pelos Centros Educativos em Alternância dando forte ênfase ao atendimento das seguintes prioridades:

- * realizar toda a atividade educativa a partir de um embasamento filosófico que permita o atendimento integral da pessoa humana: profissional, cultural, social, psicológico e transcendental;
- * enfatizar o papel da família como primeira educadora da infância e juventude, sendo os Centros ajuda em sua missão, sem substituí-la em sua função sócio-pedagógica;
- * cuidar da formação permanente de todos os membros da família, como uma forma eficaz de renovação da cultura rural marginalizada;
- * promover permanentemente algumas iniciativas que permitam aos Centros Educativos em Alternância realizarem eficazmente a sua missão;

* cuidar do reconhecimento legal-político-social do modelo da pedagogia da alternância, revelado como já suficientemente adequado à promoção do homem da comunidade e do meio rural;

* incrementar a corresponsabilidade econômico-financeira para sustento deste modelo educativo de iniciativa sócio-comunitária.

ASPECTO AGRÍCOLA E RURAL

Neste aspecto faz-se necessário uma prioritária e especial atenção a fim de oferecer ao jovem, junto a uma formação humana integral, a capacitação profissional qualificada que lhe garanta uma verdadeira inserção na realidade, com possibilidades concretas para a modificação das estruturas agrícolas produtivas. Recomenda-se:

- * planejar a formação levando em conta a consciência ecológica global de preservação do meio ambiente em sua relação com a vida humana e a vida da terra e do cosmos.
 - * promover a diversificação dos cursos, introduzindo novas especialidades de grande utilidade ao meio rural, tais como eletricidade, mecânica, fundição, formação de mão de obra para trabalho em pequenas indústrias rurais; formação para o agroturismo, para os diversos serviços necessários à comunidade.
 - * promover uma política agrícola rural eficaz para deter o êxodo rural dos jovens e de suas famílias.
- ### ASPECTO TÉCNICO-ECONÔMICO
- Toda a formação oferecida nos Centros Educativos em Alternância, de acordo com sua proposta pedagógica, deve levar o jovem, a família e a comunidade

de rural à vivência concreta da solidariedade. Em vista da concretização do ideal proposto, priorizam:

* favorecer linhas de crédito aos jovens rurais incentivando sua própria atividade agro-econômica;

* oferecer aos Centros recursos necessários para uma formação técnica atualizada;

* oportunizar à mulher do meio rural condições favoráveis à sua promoção humano-social-econômica;

* articular ações conjuntas com as diversas áreas promotoras da educação, do trabalho, da saúde, da agricultura e da política fundiária.

ASPECTO ASSOCIATIVISTA-ORGANIZATIVO

A filosofia dos Centros Educativos em Alternância consiste na promoção da pessoa humana e da família como meio de crescimento da comunidade e desenvolvimento técnico-cultural do meio rural. Para tanto são recomendados:

- * fomentar o fortalecimento e a organização de e redes regionais ou estaduais de Centros de Educação em Alternância;
- * buscar através da AIMFR recursos humanos e econômicos para desenvolvimento das atividades dos Centros;
- * desenvolver na formação dos jovens a mentalidade associativista e de trabalho em grupo;
- * incluir nos planos de formação dos Centros elementos que favoreçam uma mentalidade empresarial;

* integrar de maneira mais ativa profissionais, empresários e representantes de Instituições promotoras ou colaboradoras do desenvolvimento do meio rural.

NOVA DIRETORIA

e mudanças no estatuto

Na programação do 6º Congresso Internacional da AIMFR, o dia 8 de agosto foi dedicado à realização da Assembléia Estatutária. Conforme os estatutos da entidade, a cada quatro anos se elege a nova diretoria, aprova a titulação de novos membros associados e apresenta os relatórios financeiros e das atividades, e se faz o planejamento em vista de futuros seminários, assembléias, etc.

Nesta Assembléia estavam previstas também algumas mudanças nos estatutos, com o objetivo de atualizá-lo de acordo com a nova realidade, após quase 30 anos de vida institucional. Na reforma destacamos duas principais alterações: a primeira se refere aos vice-presidentes. Enquanto anteriormente tínhamos o primeiro e segundo vice-presidentes, a partir da alteração estatutária ficou aprovada a eleição de um vice-presidente em cada continente, num total de cinco vice-presidentes (Europa, Américas, Ásia, África e Oceania).

Outra mudança importante foi na denominação da entidade. Embora tenha sido mantida a sigla AIMFR, que no estatuto anterior significava Associação Internacional das Maisons Familiares Rurales, agora o nome da entidade passa a ser Associação Internacional de Movimentos Familiares de For-

mação Rural. Essa mudança se justifica pela expansão desta pedagogia em vários países, que adotam nomes diferentes, como Centros de Formação Rural, Escolas Famílias Agrícolas, Centros Educativos por Alternância, Escolas Comunitárias Rurais, etc. Em alguns casos, como no Espírito Santo, a legislação só autorizou o funcionamento legal se no registro estivesse explicitado o nome "escola".

Embora se continue a reconhecer a França como o berço das Maisons Familiares Rurales, ou Casas Familiares, consideramos que a atual denominação contempla a todos no respeito à linguagem de cada país, tendo presente que a base principal deste modelo pedagógico é a família.

A nova diretoria da AIMFR ficou assim constituída:

Presidente:

Juan Cano Ruano
Avda. Conde Vellellano, 7
- 8º - 14004 Córdoba
Espanha

Vice-presidentes

América Latina:

João Baptista Martins
Mepes - Rua Costa Pereira, 129 - 29230.000
Anchieta ES Brasil

Europa:

Aimé Caekelbergh
Rue Leopold I, 308 - 1090
Bruxelles - Belgique

África:

Samba Diaw
ANFR, BP 131 - Thies -
Senegal

Secretário Geral:

Gilbert Forgeard
Les Alouettes, 69210
Bully - France



Comissão Organizadora

Era composta por representantes do poder público das localidades de Anchieta, Guarapari e Vitória, do Estado do Espírito Santo, Secretarias de Educação e Agricultura, Assembléias Legislativas Estadual e Federal, UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), EMATER, meios de comunicação (TV, jornais, rádios), entidades organizadoras do meio rural, UNEFAB e do próprio MEPES.

A Comissão foi dividida em quatro grupos de atividades:

1 - Articulação (política):

- Definir quem participa do evento.
- Estabelecer critérios de participação dos : - alunos
- ex-alunos
- monitores
- agricultores.
- A questão do Cerimonial.
- Definir patrocinadores.

2 - Técnico-pedagógico:

Atribuições

- Esboçar o P.E.
- Síntese do P.E. -
- Problematização para o Encontro.

- Discussão em grupo das experiências - Dinâmicas.
- Resumo Geral.

3 - Secretaria:

- Administração Financeira.
- Expediente, inscrições.
- Recepção - hospedagem - alimentação.
- Transporte.
- Serviços aos participantes (café, água, etc).
- Empréstimos equipamentos (gravações)
- Produção material.

4 - Comunicação/Relação com a imprensa.



Painéis de Debates

Formou-se um Painel composto por cinco grupos temáticos, motivados pelo relato de experiência de um agricultor escolhido dentre as diversas partes do mundo para apresentar os efeitos ou impactos provocados pela ação dos Centros em Alternância em seu meio. Em seguida, o tema era ampliado através da colaboração de um assessor técnico. Seguem-se os grupos temáticos:

Grupo temático: Sócio-Político-Cultural

Pergunta orientativa: "Diante da caminhada percorrida e dos desafios encontrados, quais as orientações que a formação para o futuro do meio rural deverá considerar?"

A nível: sócio-político-cultural:

- Reconhecimento público-legal dos Centros Familiares de Educação em Alternância (CFEA)
- Especificidade dos CFEA:
- Alternância
- Associação: responsabilidade das famílias
- Formação integral da pessoa
- Reforma Agrária-rural adequada
- Formação adequada dos Monitores-Formadores, que facilitem seu papel de animador...

Apresentação das experiências dos países: Argentina e Senegal

Grupo temático: Técnico Agro-Ecológico

Pergunta orientativa: "Diante

da caminhada percorrida e dos desafios encontrados, quais as orientações que a formação para o futuro do meio rural deverá considerar?"

A nível: Técnico agro-ecológico

- Promover a diversificação de profissões no meio rural;
- Fomentar o fortalecimento da agricultura familiar
- Difusão de novas tecnologias, através dos CFEA, tendo presente a informática
- Planos de formação adequados à realidade.

Apresentação das experiências dos países: Itália (Verona) e Brasil

Grupo Temático: Econômico

Pergunta orientativa: "Diante da caminhada percorrida e dos desafios encontrados, quais as orientações que a formação para o futuro do meio rural deverá considerar?"

A nível Econômico:

- Facilitar o acesso das famílias rurais a crédito agrícola
- Facilitar a formação e informação econômico-comercial
- Formar os jovens para que se tornem micro-empresários
- Facilitar a troca de experiência através de estágios profissionais.

Apresentação das experiências dos países: Equador e Uruguai

Grupo Temático: Associativista

Pergunta orientativa: "Diante da caminhada percorrida e dos

desafios encontrados, quais as orientações para o futuro do meio rural deverá considerar..."

A nível associativista:

- Fomentar o associativismo e o trabalho em grupo
- Integrar de modo mais ativo, profissionais como mestres de estágios, nas associações dos CFEA
- Abrir a associação a todas as instituições que promovem o desenvolvimento rural
- Reforçar o papel das famílias da gestão dos CFEA
- Facilitar o intercâmbio de pessoas de experiências, entre os CFEA do MUNDO (membros do CA, dirigentes, monitores, ex-alunos...)

Apresentação das experiências dos países: França e América Central.

Devido ao grande número de participantes estes QUATRO grupos se desdobraram em 12 subgrupos.

O 5º grupo foi composto por Secretários da Educação Municipais e Estaduais, membros dos Conselhos Estaduais de Educação, professores universitários, delegados e representantes do MEC, delegacias de Agricultura e Trabalho e representantes de ONGs.

Para este grupo foi formada uma mesa redonda em que foi apresentado depoimento de pessoas experientes de diversos países e regiões do mundo na implantação e desenvolvimento do projeto de Formação em Alternância em seu meio.

Documento Final

ORIENTAÇÃO PARA

OS CENTROS FAMILIARES DE EDUCAÇÃO EM ALTERNÂNCIA - CFEA

Os Centros Familiares de Educação em Alternância, nascidos na França em 1935, como resposta aos desafios e necessidades do homem rural, ao longo de uma caminhada que se estende por 28 países de cinco continentes, sempre sob a responsabilidade das famílias e com a participação das Organizações e Entidades como Sindicatos, Igrejas, Cooperativas, etc - estimulam o desenvolvimento integral das pessoas, consideradas como seres abertos aos valores fundamentais, no que se refere à convivência comunitária, à melhoria da qualidade de vida, ao respeito à natureza e a abertura à dimensão do transcendente, apresentam orientações para a Educação no meio rural em vista do futuro.

1 - Estimular, nos CFEAs o desenvolvimento de todas as potencialidades das pessoas tendo em vista sua realização pessoal, social, e profissional em harmonia com a natureza.

2 - Buscar a formação de um uízo crítico aberto ao transcendente para a tomada de consciência e desenvolvimento da capacidade de discernimento; para assumir compromissos responsáveis, criar o hábito de permanentes avaliações e levar a alcançar a capacidade de ser sujeito no resgate da história, para atuar no presente e na construção do futuro.

3 - Potenciar a família como organização básica da sociedade fortalecendo: a vivência em associações, solidariedade, reciprocidade, diálogo, igualdade e respeito à diversidade, resgatando valores histórico-culturais, confrontando com os desafios da sociedade moderna, preservando e adaptando-os para a vivência do mundo atual.

4 - Buscar fortalecer nos CFEAs sua marca histórica de caráter familiar, associativo e popular que os torna instituições promotoras do desenvolvimento do

meio, a serviço da família e da comunidade. Preservar sua identidade, promovendo a colaboração e parcerias com instituições afins, objetivar reformas e transformações no campo tecnológico, econômico, agrário, educativo e social.

5 - Aperfeiçoar o Plano de Formação, estudando de forma crítica as situações-problema e orientando a busca de soluções práticas e teóricas por meio de cursos de aprimoramento cultural e humanistas, associados à formação profissional.

6 - Fortalecer a Pedagogia da Alternância, propiciando o envolvimento das famílias e das lideranças comunitárias na prática do intercâmbio educativo: pais-filhos, adultos-jovens; valorizando o saber popular e a sabedoria prática; problematizando o mundo do educando a fim de que todos: alunos, pais, líderes, monitores participem nas diversas instâncias do trabalho educativo e comunitário.

7 - Promover a entrada nos CFEAs de monitores com características humanístico-profissionais e ético-filosóficas condizentes com o projeto de formação.

8 - Promover a valorização do monitor oferecendo-lhe preparação inicial adequada e formação permanente, bem como buscando condições materiais dignas para o desempenho de sua função nos CFEAs e no acompanhamento dos jovens na famílias, nas comunidades e nos estágios.

9 - Promover a divulgação, junto à comunidade e aos órgãos públicos da proposta e dos avanços significativos alcançados pelos CFEAs, de suas experiências tecnológicas, associativistas, da relação com o meio ambiente, de seu potencial de melhoria da qualidade de vida do meio rural.

10 - Promover a avaliação crítica dos meios de comunicação de massa como parte do projeto educativo do jovem, da família e

da comunidade.

11 - Buscar o reconhecimento dos CFEAs como integrantes do sistema educacional oficial tanto a nível pedagógico como a nível financeiro.

12 - Promover a abertura à sensibilidade e aspirações das diversas experiências religiosas.

13 - Incentivar a diversificação produtiva familiar ou associativa adotando e difundindo tecnologias alternativas, socialmente apropriadas e associadas ao contexto de cada realidade, objetivando a melhoria da produção e a qualidade da vida rural e urbana.

14 - Promover o resgate e a potencialização das formas de produção e industrialização, fruto da história de cada povo e adequá-las às exigências dos consumidores e do mercado.

15 - Estimular o conhecimento das novas tecnologias: informática, biotecnologia, engenharia genética, etc e conduzir a uma visão crítica que possibilite condições de discernimento de seu potencial produtivo, da qualidade de vida e do respeito à natureza.

16 - Estimular o envolvimento dos alunos, dos monitores dos familiares e da comunidade nas pesquisas e experiências práticas nos CFEAs e nas famílias, visando mudanças de atitudes e ampliação do potencial produtivo em relação à produção, conservação do solo, dos recursos hídricos, florestais e biodiversidade naturais.

17 - Estimular o crescimento de atitudes saudáveis relacionadas com os habitantes da "nossa casa" (Oikos) no sistema de produção: solo, água, plantas e animais; a nível de alimentação (cozinha) objetivando a saúde de todo o ser vital.

18 - Estimular a ampliação de conhecimentos, atitudes éticas e

habilidade técnico-práticas objetivando a formação de agricultores tecnicamente qualificados para promoverem mudanças e se tornarem sujeitos no processo de construção de uma sociedade onde todos tenham condições de viver com qualidade de vida e dignidade.

19 – Incentivar a participação em sistemas de intercâmbio de conhecimentos, atitudes e experiências entre os CFEAs regionais, nacionais e internacionais em vista do crescimento e do aprimoramento das práticas de produção rentáveis, saudáveis e garantidoras da sustentabilidade da produção familiar.

20 – Estimular a diversificação de atividade na produção para o mercado, na produção para o autoconsumo e onde for possível desenvolver condições de produção e lazer para o agro-turismo.

21 – Estimular a valorização dos bens físicos e de utilidade profissional, familiares em vista da melhoria e ampliação do trabalho e da renda a nível individual ou associativo, ampliando a força de resistência do campo e a conquista de oportunidades de mercado.

22 – Propiciar a ampliação do conhecimento das fontes e das oportunidades de crédito alternativo, fundos de solidariedade, subsídios à atividade agrícola e rural.

23 – Incentivar a formação de redes de informações populares de mercado para possibilitar às famílias e às associações o planejamento de atividades agropecuárias.

24 – Fomentar a integração organizada entre os produtores e consumidores (campo-cidade).

25 – Fortalecer a consciência das vantagens do uso familiar ou comunitário da terra.

26 – Introduzir os seguintes novos conteúdos no Plano de Formação: o estudo do mercado, legislação fiscal, sanitária e outras referentes à produção e comercialização dos produtos, oferta de serviços, defesa ambiental e relações de trabalho.

27 – Buscar a qualidade educativa para que os alunos e suas famílias desempenhem as atividades com profissionalismo, competência

prática e embasamento teórico na produção e beneficiamento, na comercialização para conseguir maior valor agregado e renda, estimulando-se na medida das necessidades e das possibilidades de uso da informática.

28 – Estimular mediante estratégias pedagógico-didáticas os jovens e suas famílias a praticarem autônoma e solidariamente a auto-gestão e co-gestão.

29 – Estimular entre os ex-alunos a prática do intercâmbio permanente entre pessoas, famílias e associações nas diversas regiões do mesmo país e entre outros países.

30 – Estimular a formação da consciência crítica em vista do aprimoramento e da criação de tecnologias fortalecedoras do cultivo familiar, associativo, comunitário da terra para o aumento da produção e da produtividade, conservação, melhoramento da fertilidade natural do solo em vista da melhoria da renda familiar rural e do bem estar da humanidade.

31 – Promover o associativismo, e resgatar a sua força que desde a origem dos CFEAs sustentou e orientou a sua caminhada até os dias atuais.

32 – Estimular o associativismo, a fim de que, através de sua prática, sejam adquiridas as competências; assumidas as responsabilidades e compromissos; fortalecidos os princípios e a filosofia da cooperação.

33 – Estimular o rodízio na assunção de cargos de responsabilidade como forma de aperfeiçoamento da capacidade de gerenciamento nos diferentes níveis: financeiro, administrativo, organizacional, atividades sociais, culturais, comerciais, educacionais, familiares, políticas e comunicativas.

34 – Oferecer oportunidades de participação nas associações dos CFEAs aos mestres de estágios a fim de que tenham possibilidades de participar na elaboração e acompanhamento do plano de formação como também na gestão dos mesmos CFEAs.

35 – Estimular nos CFEAs as atividades práticas de participação de pais e jovens em mutirões, festas e promoções na base física do

CFEA, nos terrenos das famílias, nos Centros Comunitários, cooperando na sustentação do CFEA, adquirindo capacidade organizativa de trabalho e gestão de recursos que permitam a busca de soluções na condução das atividades individuais, familiares e associativas.

36 – Encontrar formas jurídicas à realidade local, que permitam aos pais dos alunos nos trabalharem juntos para a busca de soluções conjuntas, preservando seu caráter supra-partidário, supra-ideológico e ecumênico.

37 – Estimular o envolvimento das instituições locais promotoras do desenvolvimento, de forma compromissada com a população, sua cultura e seus valores preservando a sua identidade.

38 – Promover e fortalecer, através de práticas associativas do CFEA, o surgimento ou fortalecimento de outras formas associativas e de cooperação na comunidade tanto no âmbito da produção, comercialização local, como de âmbito mais geral, de crédito, de assistência, industrialização e processamento, de melhoramento genético, banco de sementes.

Ao concluir os trabalhos propostos pela AIMFR em fins de 1994, com o estudo do tema "Formação: garantia para o mundo rural do futuro" e orientados pelo Plano de Estudo realizado em aproximadamente mil CFEAs, de cinco continentes, produzimos neste VI Congresso, realizado no Brasil de 05 a 09 de agosto de 1996, as orientações acima. Tudo isto juntamente com 61 anos de história da nossa caminhada leva a reconhecer que os CFEAs incentivam e desenvolvem a realização de um projeto de vida, que através de vários mecanismos práticos, teóricos e comunitários permite a um jovem vivenciar a cidadania com a esperança de alcançar sua realização pessoal, a felicidade e participação na construção de uma nova sociedade onde reine o respeito à natureza; a justiça social, o acesso à terra, ao trabalho e aos frutos da riqueza gerada pela sociedade; o intercâmbio de conhecimentos, a igualdade na diversidade humana e o pluralismo cultural junto com a solidariedade entre as pessoas e os povos.

Guarapari, 9 de agosto de 1996 – Espírito Santo – Brasil

CARTA DE GUARAPARI

Os representantes dos Centros Familiares de Educação em Alternância de 15 países de cinco continentes com destaque especial para os 20 estados brasileiros presentes, totalizando 433 pessoas, reunidas no 6º Congresso Internacional da AIMFR – Associação Internacional de Movimentos Familiares de Formação Rural – de 05 a 09 de agosto de 1996 em Guarapari (ES), Brasil, para debater sobre o tema “Formação: Garantia para o Mundo Rural do Futuro”, endereçam às autoridades a seguinte carta.

As conclusões do Congresso demonstram a qualidade do serviço prestado pelos Centros à população do meio rural e sua capacidade em adaptar-se às mudanças significativas

ocorridas no mundo nestes últimos anos. Precisa-se todavia em caráter urgente do apoio governamental em todos os níveis, para não correr o risco iminente de privar o mundo rural e agrícola brasileiro de uma iniciativa imprescindível para o seu desenvolvimento harmônico.

Este apoio Governamental baseia-se nos pontos seguintes:

- Reconhecimento dos Centros Familiares de Educação em Alternância como integrante do sistema educacional oficial tanto a nível pedagógico como a nível financeiro.

- Promoção de uma agricultura familiar através de programas creditícios ao alcance de todos, levando diversificação e transfor-

mação dos produtos à introdução de tecnologias produtivas que contribuam para preservar o ambiente natural e humano e a promoção de uma Reforma Agrária eficaz, tudo isto numa visão de participação e colaboração mútua facilitando o desenvolvimento do associativismo.

Diante das grandes dificuldades principalmente financeiras que a maioria dos Centros Familiares de Educação em Alternância brasileiros enfrentam, os congressistas lançam às autoridades Municipais, Estaduais e Federais deste país um apelo vibrante para que sejam encontradas formas concretas e urgentes a fim de garantir sustentabilidade dos mesmos.

Guarapari, 09 de agosto de 1996.



JUAN CANO RUANO
Presidente da AIMFR



JOÃO BAPTISTA MARTINS
Presidente da Comissão Organizacional do Congresso

Congresso reúne os cinco Continentes - Participantes -

Há mais de 1.000 Centros Educativos em Alternância no mundo, assim distribuídos:



Escolas em Alternância no Mundo

América Latina

- Argentina
- Brasil
- El Salvador
- Guatemala
- Honduras
- Nicarágua
- Panamá
- Paraguay
- Uruguay
- Venezuela
- Guadalupe
- Peru
- Rep. Diminicana

Europa

- França
- Itália
- Espanha
- Portugal
- Polônia

África

- Camarões
- Congo
- R. do Congo
- Etiópia
- R. C. Africana
- Marrocos

- Madagascar
- Benin
- Ruanda
- Senegal
- La Reunion
- Tchad
- Togo

Ásia

- Filipinas

Oceania

- Nova Caledônia
- Thaiti

